



Mestrado em Economia  
Nas especialidades de Economia Financeira e Industrial

Ana Luísa Lopes de Matos Oliveira

**Atitudes para com o Endividamento entre Estudantes  
Universitários: Papel da Literacia Financeira, da Influência  
Parental e das Dificuldades Financeiras**

Trabalho de Projeto Orientado por:

Professora Doutora Maria Conceição Pereira e Professor Doutor Filipe Fernandes Coelho

Julho 2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ana Luísa Lopes de Matos Oliveira

# **Atitudes para com o Endividamento entre Estudantes Universitários: Papel da Literacia Financeira, da Influência Parental e das Dificuldades Financeiras**

Trabalho de Projeto do Mestrado em Economia, nas especialidades de Economia  
Financeira e Industrial, apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra  
para obtenção do grau de Mestre

Orientadores: Professora Doutora Maria Conceição Pereira e Professor Doutor Filipe  
Fernandes Coelho

Coimbra, 2016

## **Agradecimentos**

Terminado este percurso académico, cumpre-me agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que pudesse atingir os meus objetivos e concluir mais uma etapa na minha vida.

Aos meus orientadores, Doutora Conceição Pereira e Doutor Filipe Coelho, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação, apoio e disponibilidade que sempre me prestaram ao longo da realização desta dissertação, sendo, sem dúvida, determinantes para a elaboração da mesma.

Ao Gabriel, pela dedicação, paciência, carinho e por me ter ajudado a ultrapassar todos os momentos difíceis. Um obrigada por estar sempre do meu lado e por me ajudar a encarar todos os desafios de forma positiva.

À minha mãe e irmã, por terem feito de mim quem sou e por todo o apoio incondicional. Pelo amor, carinho, pela força que sempre me transmitiram e por apoiarem todas as minhas decisões.

Por último, saudar Coimbra pelos anos mais intensos e maravilhosos da minha vida.

## **Resumo**

O principal objetivo do presente trabalho de projeto baseia-se na investigação de fatores económicos, sociais, psicológicos e demográficos que contribuem para a explicação das atitudes e intenções para com o endividamento dos estudantes universitários.

A realização de um estudo com estes objetivos justifica-se pelo facto de os estudantes universitários pertencerem a uma geração que tem sido criada numa sociedade de crédito e por serem potenciais clientes que virão a investir, poupar e, também, a realizar empréstimos no decorrer das suas vidas.

Para a concretização deste trabalho foi construído e aplicado um questionário a estudantes da Universidade de Coimbra, em que a amostra final é constituída por 683 inquiridos.

Com o intuito de analisar as variáveis explicativas das atitudes e intenções para com o endividamento, foi efetuado um estudo, através da regressão linear múltipla, recorrendo a cinco modelos diferentes.

Os resultados relativos à literacia financeira objetiva sugerem uma evidência limitada e não consistente da influência desta variável nas atitudes e intenções para com o endividamento. Quanto à influência parental, nem sempre se obtiveram resultados consistentes com o expectável. Os resultados referentes às dificuldades financeiras tendem a revelar que a baixos/altos níveis de rendimento do agregado familiar um aumento deste associa-se a um aumento/redução nas intenções de contrair empréstimos, em particular de natureza mais essencial. No entanto, o rendimento do agregado familiar não exerce influência nas intenções de contrair empréstimos destinados a financiar produtos de natureza mais supérflua. Deste modo, tais resultados comprovam a existência de um amplo conjunto de fatores económicos, sociais, psicológicos e demográficos que contribuem para explicar as atitudes e intenções para com o endividamento.

**Palavras-chave:** Atitudes para com o endividamento, Endividamento, Literacia financeira, Influência parental, Dificuldades financeiras

**Classificação JEL:** A13, A21, D14, I22, I23

## **Abstract**

The main objective of the present work is to investigate the economic, social, psychological and demographic factors that contribute to the explanation of the attitudes and intentions towards the indebtedness of students in higher education.

A study with these objectives is justified by the fact that college students belong to a generation that has been created in a credit society and because they are potential customers who, in the future, will invest, save and, also, carry out loans.

To accomplish the objectives a questionnaire was constructed and applied to students of the University of Coimbra, with the final sample consisting of 683 respondents.

The results suggest that objective financial literacy has a limited and inconsistent relationship with the attitudes and intentions towards debt. In relation to parental influence, the results are not always consistent with expectations. The results relating to financial difficulties tend to show that at low/high household income levels, income increases are associated with an increase/decrease in the intention of borrowing, in particular for goods/services with a more essential nature. However, household income does not exert influence on intentions to contract loans for more superfluous products. Thus, these results prove the existence of a broad range of economic, social, psychological and demographic factors that contribute to explain the attitudes and intentions towards debt.

**Keywords:** Attitudes towards debt, Indebtedness, Financial literacy, Parental influence, Financial difficulties

**JEL Classification:** A13, A21, D14, I22, I23

## Índice

Índice de Gráficos e de Quadros .....	v
1. Introdução .....	1
2. Retrato do endividamento em Portugal .....	2
3. Revisão da literatura .....	6
3.1. Determinantes do endividamento.....	6
3.2. Influência parental.....	8
3.3. Literacia financeira.....	9
4. Hipóteses de investigação .....	12
5. Metodologia .....	14
5.1. Recolha de dados.....	14
5.2. Questionário .....	15
5.3. Operacionalização das variáveis .....	17
5.4. Caracterização da amostra .....	20
5.5. Composição final das variáveis.....	21
5.6. Estratégia Empírica .....	23
6. Resultados e Discussão .....	24
6.1 Resultados das Estimações .....	24
6.2 Discussão dos Resultados.....	28
7. Conclusões .....	33
7.1. Contribuições do trabalho de investigação .....	33
7.2. Limitações do estudo e direções para trabalhos futuros.....	34
8. Lista de referências bibliográficas.....	36
9. Anexos .....	40

## Índice de Gráficos e de Quadros

Gráfico 1: Taxa de poupança dos particulares (em % do rendimento disponível).....	3
Gráfico 2: Rácio da dívida dos particulares (em % do rendimento disponível).....	4
Quadro 1: Aplicações empíricas das determinantes do endividamento: exemplos.....	11
Quadro 2 - Regressões lineares das atitudes e intenções de crédito.....	32
Anexo 1 – Questionário.....	41
Quadro A.1 – Caracterização da amostra.....	45
Gráfico A.1 – Idade.....	46
Gráfico A.2 – Rendimento mensal líquido do agregado familiar.....	46
Gráfico A.3 - Distribuição dos estudantes, por faculdades, na UC (%).....	46
Quadro A.2 - Frequências da literacia financeira objetiva (respostas).....	47
Quadro A.3 - Frequências dos empréstimos detidos pelos pais.....	47
Quadro A.4 – Composição final das variáveis.....	48
Quadro A.5 - Estatísticas Descritivas.....	50

## 1. Introdução

Nos últimos anos, tem-se assistido a um aumento gradual do endividamento nas economias ocidentais e Portugal não é exceção. O crescente endividamento em Portugal, assim como noutros países, tem vindo a captar a atenção de investigadores nas mais diversas áreas. Internacionalmente têm sido vários os estudos a evidenciar esta problemática, como é o exemplo de Lea *et al.* (1993), Davies e Lea (1995), Chien e Devaney (2001), Brown *et al.* (2005), Harrison *et al.* (2015), entre outros. Já em Portugal a existência de trabalhos nesta área carece de aprofundamento. Ainda assim, destacam-se alguns trabalhos realizados pelo Observatório do Endividamento dos Consumidores.

Assim sendo, o presente trabalho de investigação almeja encontrar indícios, de alguma forma específicos, de como o fenómeno do endividamento depende de fatores de origem económica, social, psicológica e demográfica.

É no âmbito desta temática que se pretende contribuir para a vasta literatura sobre o endividamento procurando aprofundar quais as variáveis que contribuem para a explicação das atitudes para com o endividamento e das intenções de contrair empréstimos por parte dos estudantes universitários em Portugal, na medida em que estão inseridos numa realidade que difere da dos países para os quais foram realizados estudos desta índole, como é o caso de Inglaterra, Nova Zelândia, Itália e Estados Unidos da América.

É, portanto, neste contexto que este estudo se torna algo pioneiro, tendo em conta que, até ao momento, em Portugal apenas se tem tratado, essencialmente, aspetos de natureza económica do endividamento, preterindo os de ordem social, psicológica e demográfica.

Com a dívida dos estudantes a tornar-se comum em muitas nações desenvolvidas, considera-se importante perceber quais os fatores que influenciam este comportamento. Uma das determinantes que merecerá destaque neste trabalho é a literacia financeira. A educação financeira desempenha um papel de extrema importância na formação de jovens financeiramente letrados, devendo ser encarada como um investimento com resultados a longo prazo, já que níveis mais elevados de conhecimento financeiro estarão associados a comportamentos financeiros mais desejáveis, contribuindo para um maior bem-estar financeiro. Como a falta de conhecimento financeiro está associada ao aumento dos níveis de endividamento torna-se pertinente estudar esta relação. Neste sentido, o estudo no qual me pretendo debruçar vai de encontro a esta temática. O enfoque será, contudo, nas atitudes e nas intenções para com o endividamento e não propriamente nos níveis de endividamento, por se

verificar que estes últimos assumem em Portugal valores reduzidos e, portanto, com pouca expressão (na amostra deste estudo apenas 2.4% dos estudantes afirmaram ter um empréstimo bancário). De qualquer modo, estudar as atitudes e as intenções para com o endividamento é relevante uma vez que as atitudes, de forma holística (que incluem uma avaliação positiva ou negativa de determinado fenómeno e também uma predisposição comportamental quanto ao mesmo) influenciam comportamentos futuros. De facto, a literatura evidencia que as atitudes para com o endividamento se correlacionam positivamente com o montante de dívidas, nomeadamente de estudantes (Davies e Lea, 1995).

Uma vez que as atitudes dos estudantes face à dívida são um fenómeno complexo, estas não poderão ser explicadas por uma única variável explicativa - a literacia financeira. A influência parental terá, também, um destaque particular neste estudo, na medida em que os maiores ensinamentos, tanto financeiros como da vida em geral, são transmitidos pelos nossos pais. Portanto, o comportamento dos pais influencia diretamente as atitudes que os filhos têm perante alguma situação. As variáveis que medem as dificuldades financeiras e as tradicionais variáveis demográficas, nomeadamente idade, sexo, dimensão do agregado familiar, nível de escolaridade dos pais e nível de ensino serão igualmente evidenciadas neste estudo.

A estrutura do trabalho iniciar-se-á com uma breve exposição do retrato do endividamento em Portugal. A revisão da literatura, no que diz respeito às determinantes do endividamento, será apresentada na secção 3. As secções 4 e 5 serão dedicadas, respetivamente, às hipóteses de investigação e à metodologia aplicada para concretização dos objetivos propostos. Os resultados serão apresentados e discutidos na secção 6.

## **2. Retrato do endividamento em Portugal**

O fenómeno do endividamento<sup>1</sup> assumiu em Portugal um aumento vertiginoso, a partir da década de 90, passando a constituir, para muitas famílias, uma forma de gestão corrente para o seu orçamento. O crescimento do crédito a particulares, quer por via do crédito ao consumo quer por via do crédito à habitação, levanta a preocupação dos níveis de endividamento, entretanto atingidos, serem excessivos, pondo em causa a solvabilidade e estabilidade

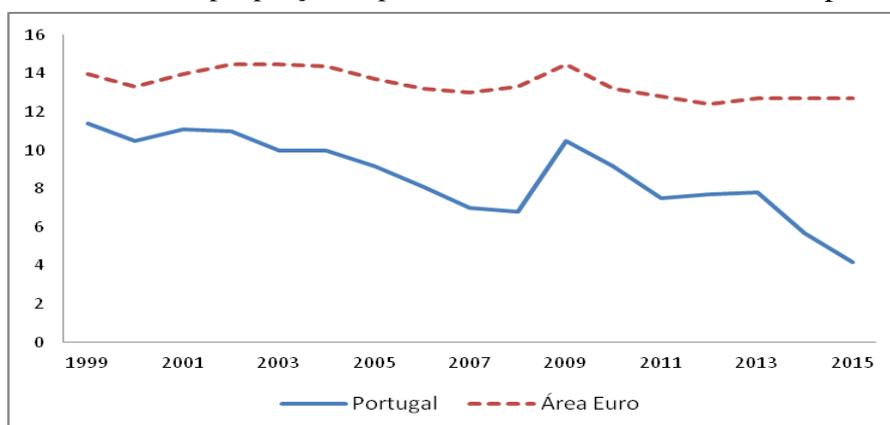
---

<sup>1</sup> Entende-se por endividamento o saldo devedor de um agregado familiar. Pode resultar apenas de uma dívida ou de mais do que uma em simultâneo, utilizando-se, neste caso, a expressão multiendividamento (OEC, 2002).

financeira das famílias. Esta realidade reflete, por sua vez, o aumento do consumo em larga escala e, por consequência, níveis de poupança escassos. Estas observações denotam grandes transformações dos hábitos e estilos de vida das famílias portuguesas.

De acordo com os dados disponibilizados pelo Banco de Portugal, no Boletim Estatístico de março de 2016, nos últimos anos, a taxa de poupança sofreu um decréscimo significativo, como é evidenciado no Gráfico 1, representando, no último trimestre de 2015, apenas, 4.2% do rendimento disponível. Já na área euro, nos últimos anos, esse decréscimo também foi notório, ainda que não tão acentuado. Assim, no último trimestre de 2015, a taxa de poupança na área euro apresenta uma taxa de 12.7% do rendimento disponível.

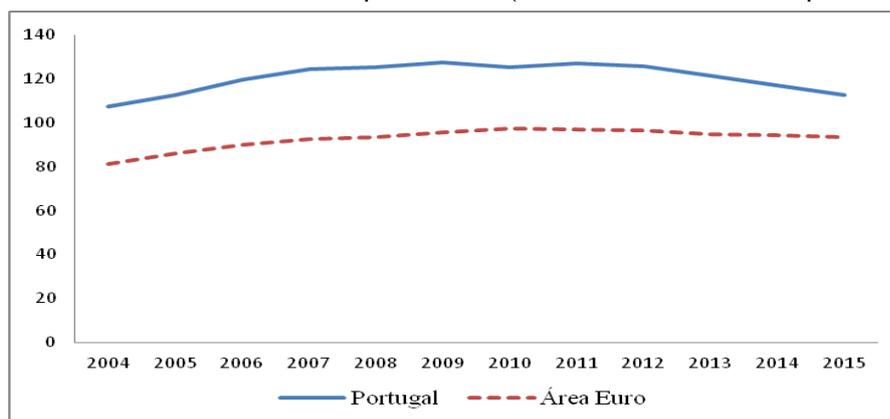
**Gráfico 1:** Taxa de poupança dos particulares (em % do rendimento disponível)



**Fonte:** Elaboração própria com recurso aos dados do Banco de Portugal.

Tendo como referência os dados disponibilizados pelo Eurostat, o rácio da dívida, em Portugal, cresceu nos últimos anos, como evidencia o Gráfico 2. Contudo, mais recentemente, o mesmo veio a diminuir. Ainda que, o rácio da dívida, tendencialmente, tenha diminuído, continua a apresentar níveis preocupantes, representando, em 2015, 112.6% do rendimento disponível. No que respeita à área euro, nos últimos anos, verificou-se igualmente um acréscimo desse rácio, ainda que não tão pronunciado como em Portugal. Portanto, em 2015, o rácio da dívida dos particulares na área euro exibiu uma taxa de 93.5% do rendimento disponível.

**Gráfico 2:** Rácio da dívida dos particulares (em % do rendimento disponível)



**Fonte:** Elaboração própria com recurso aos dados do Eurostat.

Embora os dados enunciados não permitam indicar o risco de incumprimento das famílias, permitem mostrar, face ao incremento do nível de endividamento, que os portugueses souberam tirar partido das condições favoráveis associadas à abertura do mercado de crédito e à descida acentuada das taxas de juro.

No contexto da descida das taxas de juro, assistiu-se, nos últimos anos, a mudanças nas condições de acesso ao crédito, as quais permitiram às famílias beneficiar de facilidades na obtenção de crédito, o que lhes proporcionou uma qualidade de vida bastante superior, podendo, deste modo, satisfazer desejos e necessidades que noutras circunstâncias não conseguiriam.

A dificuldade das famílias no cumprimento das suas obrigações é motivada por fatores como a má administração financeira, o desemprego, o divórcio, a doença, a ausência de educação financeira e maus investimentos (Observatório do Endividamento dos Consumidores, 2002). Perante os fatores apresentados, o rácio de crédito vencido das famílias aumentou, sendo este aumento mais considerável ao nível dos empréstimos para consumo. Em março de 2009<sup>2</sup> o rácio de crédito ao consumo vencido era de 5.9% do total de créditos ao consumo e outros fins concedidos (Banco de Portugal, 2011). Já em dezembro de 2015, o mesmo era de 14.1% do total de créditos ao consumo e outros fins concedidos (Banco de Portugal, 2016).

A análise do endividamento das famílias é particularmente útil no momento atual, dado o elevado nível de dívida neste setor e o aumento das situações de incumprimento (Costa e Farinha, 2012). No seguimento destas situações de incumprimento, cria-se, muitas vezes, um círculo vicioso de endividamento, uma vez que, depois de contrair um crédito, as famílias vêem-se na iminência de não conseguirem cumprir com os seus compromissos financeiros e,

---

<sup>2</sup> Rácio de crédito ao consumo vencido passou a constar nos boletins estatísticos do Banco de Portugal, apenas, a partir do ano de 2011.

por isso, repetem o processo, contraindo novos empréstimos, levando, conseqüentemente, a situações de sobre-endividamento<sup>3</sup>. Deste modo, a identificação dos principais motivos do sobre-endividamento, em Portugal, é de extrema importância para que as medidas preventivas, quer sobre devedores quer sobre credores, sejam efetivas e possibilitem a resolução desta problemática.

No caso particular dos estudantes universitários, o interesse pelas causas e efeitos da aquisição de dívida tem sido cada vez maior, na medida em que pertencem a uma geração que tem sido criada numa sociedade de crédito. Os bancos e outras instituições financeiras consideram-nos clientes úteis, visto que tendem a transformar-se em cidadãos de uma classe económica superior, sendo potenciais clientes que virão a investir, poupar e, também, a realizar empréstimos no decorrer das suas vidas.

Como nos últimos anos se assistiu a um desinvestimento do governo português, no ensino superior, que se traduziu em menores apoios sociais aos estudantes e valores de propinas cada vez mais elevados, algumas entidades financeiras e instituições bancárias desenvolveram um crédito para estudantes universitários, designadamente os empréstimos com garantia mútua. O sistema de empréstimos com garantia mútua, direcionado para os estudantes do ensino superior, foi criado em 2007 para, em articulação com outros programas com objetivos convergentes, estimular e alargar as oportunidades no acesso ao ensino superior. Esta tipologia de empréstimo conta com o apoio do Sistema Nacional de Garantia Mútua, que torna possível a obtenção, em melhores condições, de financiamentos junto da Banca, pelos estudantes do ensino superior, público ou privado. Criado para ajudar todos os estudantes, esta linha de crédito disponibilizou, até março de 2011, mais de 150 milhões de euros, com uma taxa de juro mínima, não dependente de avals ou garantias patrimoniais, que poderá ser reduzida para os estudantes com melhor aproveitamento escolar (Sociedade Portuguesa de Garantia Mútua).

Tendo como referência os dados disponibilizados pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), os empréstimos a estudantes universitários com garantia mútua cresceram, entre 2007 e 2012, a uma taxa média de cerca de 3500 novos empréstimos por ano e, como tal, é considerada adequada para Portugal e para as famílias portuguesas, no seguimento das práticas atuais nas sociedades modernas ao nível da OCDE. Todavia, este

---

<sup>3</sup> O sobre-endividamento, também designado por falência ou insolvência dos particulares, inclui os casos em que as famílias se encontram em situação de impossibilidade de pagamento de uma ou mais dívidas (Marques *et al.*, 2000).

sistema de crédito para estudantes esteve suspenso, tendo sido retomado no ano letivo 2013/2014 (Economias, 2015). De destacar, também, que os empréstimos de garantia mútua têm sofrido bastantes atrasos, nomeadamente em 2015, deixando muitos estudantes com sérias dificuldades (Diário Económico, 2015).

### **3. Revisão da literatura**

#### **3.1. Determinantes do endividamento**

Há uma visão generalizada de que as atitudes em relação à dívida mudaram radicalmente durante o século XX, com uma transição de aversão ao endividamento para a sua aceitação por parte de uma sociedade moderna de consumo. Lea *et al.* (1993) referiram-se à possibilidade de uma "cultura de endividamento" crescente.

Esta investigação terá como alicerce as atitudes para com o endividamento e não o endividamento propriamente dito. A ênfase atribuída ao estudo das atitudes para com o endividamento prende-se com uma necessidade crescente na compreensão da relação de influência das atitudes nos comportamentos financeiros futuros, especificamente, o recurso ao endividamento. Desta forma, Davis e Lea (1995), Livingstone e Lunt (1992) e Chien e Devaney (2001) mostraram que se verifica uma forte associação entre o endividamento e as atitudes tolerantes para com o mesmo.

A contração de dívida não está apenas relacionada com variáveis económicas, mas também com variáveis sociais e psicológicas (Lea *et al.*, 1993). Variáveis demográficas são consideradas, igualmente, um fator preditivo da dívida (Livingstone e Lunt, 1992; Davies e Lea, 1995).

O sexo é uma variável demográfica que tem sido relacionada com o endividamento. Davies e Lea (1995) verificaram que os estudantes do sexo masculino têm maior probabilidade de contrair dívida do que os do sexo feminino. Porém, em Norvilitis *et al.* (2006) o sexo não influencia as atitudes para com a dívida.

Quanto ao efeito da idade, Livingstone e Lunt (1992) verificaram que indivíduos mais velhos apresentam uma tendência menor para o endividamento do que os mais jovens. Esta aferição vai ao encontro da teoria do ciclo de vida, apresentada por Modigliani e Brumberg (1954). A teoria referida assume que os indivíduos traçam o seu comportamento financeiro para o futuro de forma a manterem um padrão de consumo estável. Especificamente, os jovens adultos tendem a contrair dívidas numa fase inicial, liquidam-nas numa idade mais

avançada, em que, também, tendem a constituir poupanças, que serão usufruídas na idade da reforma (Modigliani e Brumberg, 1954).

Outros estudos empíricos avançaram que o nível de rendimento interferia nas atitudes para com o endividamento. Por exemplo, Chien e Devaney (2001) descobriram que um rendimento mais elevado se encontrava associado a atitudes mais favoráveis para com o crédito. Como fundamentação, estes autores alegam que um indivíduo no início da sua carreira profissional estará mais predisposto a contrair empréstimos e, conseqüentemente, com uma atitude mais favorável em relação ao crédito, pois, no futuro, espera dispor de maiores recursos financeiros. Na mesma perspetiva, os indivíduos com rendimentos mais altos recorrem a empréstimos de maior montante, pois estão sujeitos a menos restrições de crédito e, simultaneamente, têm maior capacidade para pagar as suas dívidas. Porém, Lea *et al.* (1993) observaram que indivíduos que se encontravam endividados dispunham de rendimentos mais baixos face aos não endividados. Este argumento baseia-se no facto destas famílias sentirem maiores dificuldades financeiras. Existem, ainda assim, autores, como Livingstone e Lunt (1992) que não verificam qualquer relação entre as variáveis supracitadas.

Brown *et al.* (2005) mostraram que os indivíduos com expectativas financeiras mais otimistas incorrem em mais dívidas. Este resultado tem por base a teoria do rendimento permanente, apresentada por Friedman (1957). Esta teoria defende que o plano de consumo dos indivíduos depende das suas expectativas em relação ao rendimento permanente - parte do rendimento que as pessoas consideram manter no futuro - tendo um papel fundamental na tomada de decisões a nível financeiro.

No que respeita à variável correspondente ao agregado familiar, Livingstone e Lunt (1992) verificaram a existência de uma relação negativa entre a dimensão do agregado familiar e o nível de endividamento. De acordo com estes autores, famílias com um maior número de filhos sentem uma responsabilidade acrescida na gestão do seu orçamento, de maneira a que não tenham de recorrer a empréstimos sucessivos para suprir as necessidades constantes com que se deparam e, por consequência, fiquem numa situação de sobre-endividamento. Já Lea *et al.* (1993) chegaram a resultados opostos, com os indivíduos mais endividados a pertencerem a agregados com um maior número de filhos e, portanto, com mais necessidades por satisfazer.

Vários autores sugerem que há uma ampla gama de fatores sociais e psicológicos associados à propensão de um indivíduo assumir dívidas, como o *locus* de controlo<sup>4</sup> (ex. Livingstone e Lunt, 1992; Tokunaga, 1993), o materialismo (ex. Watson, 2003) e a consideração por consequências futuras (ex. Joireman *et al.*, 2010). Também o fator ansiedade reflete a mesma associação. Isto é, níveis maiores de ansiedade originam maior tendência para o endividamento (Tokunaga, 1993; Harrison *et al.*, 2015). Neste âmbito, destacam-se de seguida o papel da influência parental e da literacia financeira.

### **3.2. Influência parental**

Existe uma vasta literatura que atesta que a influência parental tem um papel preponderante nas atitudes dos jovens para com o endividamento, pois à semelhança de outros comportamentos, os filhos tendem a ser o “reflexo” dos pais.

A socialização parental, a nível económico, refere-se ao processo de aprendizagem no qual um indivíduo adquire conhecimentos e capacidades que se tornam indispensáveis para a determinação das suas atitudes e comportamentos financeiros. De acordo com Shim *et al.* (2010) a socialização parental deve acontecer o mais precocemente possível, uma vez que os indivíduos, aquando da idade adulta, tendem a manifestar maior competência na gestão das próprias finanças pessoais, especialmente, no uso do sistema de crédito. Estes autores acrescentam, ainda, que se os pais mostrarem uma melhor compreensão de como a educação financeira pode contribuir para o sucesso dos seus filhos, eles podem estar mais inclinados a demonstrar comportamentos financeiros positivos e a proporcionar ou incentivar a educação financeira em casa. Neste contexto, o conhecimento financeiro adquirido através de educação formal é suscetível de aumentar e contribuir para atitudes e intenções mais desfavoráveis quanto a contrair empréstimos.

O estudo realizado por Norvilitis e MacLean (2010) destaca a importância da educação financeira dos pais no desenvolvimento das competências financeiras dos seus filhos. Eles afirmam que a socialização parental está significativamente relacionada com as atitudes dos estudantes para com a dívida. Tokunaga (1993) chegou, ainda, à conclusão de que indivíduos que não tinham problemas com o crédito haviam aprendido com os seus pais a utilizá-lo adequadamente. Da mesma forma, Kim *et al.* (2015) destacaram que pais mais exigentes e

---

<sup>4</sup> Em psicologia da personalidade, *locus* de controlo refere-se ao grau com que um indivíduo acredita que pode controlar os acontecimentos que o afetam.

persistentes na educação dos seus filhos, relativamente à gestão do dinheiro, conseguiram que eles demonstrassem comportamentos mais prudentes na relação com o mesmo.

Numa perspetiva semelhante, Shim *et al.* (2009) defendem que os ensinamentos parentais contribuem para um maior bem-estar financeiro dos seus filhos e, conseqüentemente, para uma maior satisfação geral com a vida, bem-estar psicológico e melhor desempenho académico.

Em síntese, a influência parental desempenha um papel central na formação, não só nas atitudes sobre práticas de gestão financeira, mas também nas atitudes sobre a vida em geral.

### **3.3. Literacia financeira**

No âmbito do estudo sobre o endividamento vários autores têm considerado e verificado que a literacia financeira tem um poder explicativo relevante. De acordo com Norvilitis *et al.* (2006) e Gathergood (2012) a falta de conhecimento financeiro está na base do aumento dos níveis de endividamento, porque, por exemplo, conduz ao uso de formas mais onerosas de crédito e, também, porque dificulta a perceção do efeito da acumulação de empréstimos nas responsabilidades financeiras de um indivíduo.

Torna-se particularmente interessante dar destaque a esta determinante, pois de acordo com um estudo da agência de notação Standard & Poor's, em 2015, Portugal, foi o segundo país da União Europeia com menos literacia financeira. Portanto, aumentar a literacia financeira da população é uma meta desejável e socialmente benéfica, particularmente, no nosso país.

O conceito de literacia financeira é muito amplo e, tem vindo a ser definido por vários autores e organizações internacionais. De acordo com a OCDE (2006), “a literacia financeira pode ser definida como o conhecimento e compreensão dos conceitos financeiros e competência, motivação e confiança para aplicar esses conhecimentos, com o objetivo de tomar decisões concretas em vários contextos financeiros e, melhorar o bem-estar financeiro de indivíduos e da sociedade”. Assim, níveis mais elevados de conhecimento financeiro são frequentemente associados a comportamentos financeiros mais desejáveis, que por sua vez contribuem para níveis mais elevados de bem-estar financeiro.

Desta forma, estudos anteriores, como os de Raju *et al.* (1995), consideram que as associações entre conhecimento e comportamento variam de acordo com dois tipos de conhecimentos, o subjetivo e o objetivo. O conhecimento subjetivo baseia-se numa autoavaliação dos conhecimentos sobre práticas e conceitos relacionados com finanças

pessoais. Já o conhecimento objetivo é medido através de testes que, de acordo com Lusardi e Mitchell (2008), devem incluir questões que avaliam o conhecimento sobre juros compostos, efeito da inflação e diversidade de risco. Raju *et al.* (1995) afirmaram que os dois tipos de conhecimento podem ter efeitos significativos sobre vários aspetos do processo de decisão. No entanto, são suscetíveis de ter efeitos diferentes sobre o mesmo.

Xiao *et al.* (2014) impregnam grande importância no conhecimento objetivo entre jovens adultos de forma a prevenir possíveis comportamentos de risco. Estes autores acrescentam que devem ser introduzidos programas de educação direcionados a estudantes, que os incentivem a envolver-se em comportamentos financeiros positivos durante o processo educacional.

Na sequência de um estudo realizado, para avaliar o nível de conhecimento financeiro em relação à dívida, Lusardi e Tufano (2009) apresentaram uma nova designação – “literacia da dívida”. Eles definiram-na como a capacidade dos indivíduos aplicarem conhecimentos financeiros básicos no que respeita a assuntos relacionados, diretamente, com os contratos de dívida. Deste modo, inferiram que indivíduos com níveis mais baixos de literacia da dívida eram mais propensos à utilização de créditos de alto custo e empréstimos excessivos e, ainda, que subestimavam o custo de reembolso dos próprios créditos. Já Lusardi e Mitchell (2007) concluíram que o nível de literacia financeira exerce uma influência positiva no planeamento da reforma, poupança e acumulação de riqueza.

No seguimento do que a literatura evidencia, os estudantes universitários apresentam grandes carências de literacia financeira (Xiao *et al.*, 2014; Lusardi *et al.*, 2010; Jorgensen, 2007). De acordo com Jorgensen (2007), estes estudantes não estão a receber a educação financeira necessária para se tornarem adultos financeiramente estáveis. No entanto, este autor verificou que o nível de literacia financeira aumentou a cada ano de faculdade e que estudantes mais letrados financeiramente demonstraram atitudes e comportamentos financeiros mais adequados. Assim, os jovens adultos não devem ser considerados um grupo homogéneo, na medida em que apresentam diferentes níveis de literacia financeira (Lusardi *et al.*, 2010).

Em suma, a compreensão dos aspetos inerentes à dívida dos consumidores tem sido um tema muito discutido na literatura. Todas as variáveis apresentadas têm dado um contributo significativo para a explicação do endividamento, não só a nível teórico como, também, a nível empírico.

O quadro seguinte ilustra as aplicações empíricas das determinantes do endividamento:

**Quadro 1:** Aplicações empíricas das determinantes do endividamento: exemplos

<b>Artigo</b>	<b>Variável Independente</b>	<b>Variável Dependente</b>	<b>Resultados</b>
Livingstone e Lunt (1992); Lea <i>et al.</i> (1993)	Idade	Endividamento	Relação negativa.
Davis e Lea (1995)	Idade	Endividamento	Relação positiva entre estudantes.
Davis e Lea (1995)	Sexo	Endividamento	Sexo masculino com maior probabilidade de contrair dívida.
Norvilitis <i>et al.</i> (2006)	Sexo	Atitudes para com o endividamento	Relação não significativa quanto à dívida de cartão de crédito.
Chien e Devaney (2001)	Rendimento	Atitudes para com o endividamento / Endividamento	Relação positiva.
Lea <i>et al.</i> (1993)	Rendimento	Atitudes para com o endividamento / Endividamento	Relação negativa.
Livingstone e Lunt (1992)	Rendimento	Endividamento	Relação não significativa.
Lea <i>et al.</i> (1993); Webley e Nyhus (2001)	Dificuldades financeiras	Endividamento	Relação positiva.
Webley e Nyhus (2001)	Gestão do orçamento familiar	Endividamento	Más técnicas de gestão do orçamento familiar positivamente relacionadas com o endividamento.
Lea <i>et al.</i> (1993)	Dimensão do agregado familiar	Endividamento	Relação positiva.
Livingstone e Lunt (1992)	Dimensão do agregado familiar	Endividamento	Relação negativa.
Brown <i>et al.</i> (2005)	Otimismo financeiro	Endividamento	Relação positiva.
Livingstone e Lunt (1992); Tokunaga (1993)	<i>Locus</i> de controlo externo	Endividamento	Relação positiva.
Watson (2003)	Materialismo	Atitudes para com o endividamento / Endividamento	Relação positiva.
Tokunaga (1993); Harrison <i>et al.</i> (2015)	Ansiedade	Endividamento	Relação positiva.
Shim <i>et al.</i> (2009)	Sucesso pessoal e profissional	Endividamento	Relação positiva.
Tokunaga (1993); Shim <i>et al.</i> (2010); Norvilitis e MacLean (2010); Xiao <i>et al.</i> (2011); Kim <i>et al.</i> (2015)	Socialização Parental	Atitudes para com o endividamento	Relação negativa.
Shim <i>et al.</i> (2009); Kim <i>et al.</i> (2015)	Ensino Parental	Atitudes para com o endividamento	Relação negativa.
Norvilitis <i>et al.</i> (2006); Gathergood (2012)	Literacia Financeira	Endividamento	Relação negativa.

Lusardi e Tufano (2009)	Literacia Financeira	Endividamento	Relação negativa com o endividamento e com a utilização de créditos de elevado custo.
Jorgensen (2007)	Literacia financeira	Atitudes para com o endividamento	Relação negativa.
Shim <i>et al.</i> (2009); Lusardi <i>et al.</i> (2010); Agnew e Harrison (2015)	Conhecimento financeiro	Atitudes para com o endividamento	Relação negativa.
Raju <i>et al.</i> (1995); Xiao <i>et al.</i> (2011)	Conhecimento financeiro subjetivo	Comportamento de créditos de risco	Relação negativa.

**Fonte:** Elaboração própria

#### 4. Hipóteses de investigação

Neste ponto pretende-se identificar quais as determinantes que podem influenciar as atitudes e intenções para com o endividamento dos estudantes universitários, recorrendo à elaboração de hipóteses. Uma atitude é definida como a predisposição do indivíduo para avaliar de uma certa forma um objeto e reagir perante ele, sendo a noção de objeto tomada no sentido lato. A atitude compreende, assim, elementos de ordem cognitiva, afetiva e comportamental (Lindon et al., 2004). Neste trabalho, a variável intenções representa a dimensão comportamental das atitudes para com o endividamento, enquanto as atitudes propriamente ditas correspondem à parte cognitiva e afetiva.

É de relembrar que este trabalho de investigação incidirá na análise das variáveis da literacia financeira, das variáveis que captam a influência parental e das dificuldades financeiras, não deixando de considerar as tradicionais variáveis demográficas como determinantes das atitudes e das intenções.

Deste modo, formulam-se as seguintes hipóteses de investigação, para o modelo principal:

**Hipótese 1:** A literacia financeira está negativamente relacionada com as atitudes para com o endividamento (H1a) e as intenções de contrair empréstimos (H1b).

A literacia financeira, medida subjetiva e objetivamente, define-se como o conhecimento e compreensão dos conceitos financeiros com o objetivo de tomar decisões em vários contextos financeiros (OCDE, 2006). De acordo com Lusardi *et al.* (2010) a literacia financeira tem fortes implicações no comportamento financeiro, isto é, as pessoas com menor literacia financeira terão maior dificuldade em avaliar as consequências nefastas do recurso ao crédito. Assim, estas pessoas acabarão por desenvolver atitudes mais favoráveis relativamente ao endividamento. Coerente com este argumento são os resultados de Lusardi *et al.* (2010) e

Jorgensen (2007), que sugerem que quem tem menor literacia financeira incorre em formas de endividamento mais gravosas, pelo que considerarão o recurso ao crédito de forma mais favorável.

**Hipótese 2:** A influência parental está negativamente relacionada com as atitudes para com o endividamento (H2a) e as intenções de contrair empréstimos (H2b).

A influência parental procura analisar as relações existentes entre a percepção das práticas parentais de socialização e os valores dos estudantes (Norvilitis e MacLean, 2010). De acordo com Shim *et al.* (2010) a influência parental deve acontecer o mais precocemente possível, uma vez que os indivíduos, aquando da idade adulta, tendem a manifestar maior competência na gestão das próprias finanças pessoais, especialmente, no uso do sistema de crédito, na sequência dos ensinamentos passados. Neste contexto, o conhecimento financeiro adquirido através de influência parental é suscetível de aumentar e contribuir para atitudes e intenções de contrair empréstimos mais desfavoráveis.

**Hipótese 3:** As dificuldades financeiras (atuais e futuras) encontram-se positivamente relacionadas com as atitudes para com o endividamento (H3a) e com as intenções de contrair empréstimos (H3b).

As dificuldades financeiras sentidas pelos indivíduos fazem-nos olhar para o endividamento como uma possível solução para satisfazer necessidades inerentes à vivência humana como, também, necessidades de natureza supérflua (Lea *et al.*, 1993). Assim, espera-se que as dificuldades financeiras sentidas pelos estudantes, no que concerne à sua situação financeira atual e à da sua família, se relacionem positivamente com uma atitude de tolerância para com o endividamento e, portanto, com uma maior intenção de contrair empréstimos.

**Hipótese 4:** O nível de escolaridade dos pais está negativamente relacionado com as atitudes para com o endividamento (H4a) e as intenções de contrair empréstimos (H4b).

Estudos como os de Lusardi *et al.* (2010) verificaram que os estudantes que têm pais com níveis maiores de escolaridade são menos tolerantes em relação ao endividamento. Este argumento baseia-se no facto de pais com maiores níveis de escolaridade apresentarem, inerentemente, maiores níveis de conhecimento em geral e, portanto, uma atitude mais cautelosa face ao endividamento.

**Hipótese 5:** A idade relaciona-se positivamente com as atitudes para com o endividamento (H5a) e as intenções de contrair empréstimos (H5b).

Vários estudos, como os de Davies e Lea (1995), verificaram que os estudantes mais velhos apresentam uma tendência maior para o endividamento do que os mais jovens, isto porque os estudantes mais velhos são mais tolerantes para com o crédito, por atuação de um efeito de habituação. Ou seja, o convívio com a generalização do crédito nas universidades nos EUA faz com que os estudantes se habituem a ele. Neste contexto, espera-se uma relação positiva entre a idade e as atitudes para com o endividamento, assim como entre a idade e as intenções de contrair empréstimos.

**Hipótese 6:** Os indivíduos do sexo masculino têm atitudes de maior tolerância para com o endividamento (H6a), assim como maiores intenções de contrair empréstimos (H6b).

Estudos como os de Davies e Lea (1995) verificaram que os estudantes do sexo masculino têm maior probabilidade de contrair dívidas do que os do sexo feminino pelo facto do homem ter assumido, ao longo dos tempos, a função de prover o sustento da família, fazendo com que geneticamente tenha adquirido uma maior facilidade em lidar com assuntos financeiros. Portanto, espera-se que os estudantes do sexo masculino apresentem uma atitude de maior tolerância em relação ao endividamento, bem como maiores intenções de contrair empréstimos do que os do sexo feminino.

**Hipótese 7:** A atitude para com o endividamento está positivamente relacionada com as intenções de contrair empréstimos.

Os indivíduos que consideram o crédito como útil e parte integrante do estilo de vida atual, não se coibirão de contrair empréstimos, os quais serão encarados como uma forma de satisfazer os seus desejos e necessidades. Assim, quanto mais tolerantes forem as atitudes de um indivíduo em relação ao endividamento, maiores serão as suas intenções de contrair empréstimos (Chien e Devaney, 2001).

## **5. Metodologia**

### **5.1. Recolha de dados**

Em função dos objetivos traçados para o presente trabalho, a definição da amostra é decisiva para efeitos de condução de um questionário, que é o instrumento de recolha de dados escolhido. A utilização do questionário estruturado justifica-se pela necessidade de obter dados com uma natureza mais conclusiva a respeito de uma grande variedade de comportamentos, atitudes e preferências. Perante a impossibilidade de estudar as situações e

as realidades como um todo, torna-se necessário restringir o estudo a uma parte da mesma. Neste sentido, a amostra a analisar será o ponto de partida de extrapolação para o todo.

A amostra é constituída por estudantes da Universidade de Coimbra, pertencentes a qualquer curso, bem como a qualquer ciclo de estudos.

Para recolher os dados foram distribuídos 1942 questionários por diferentes faculdades da Universidade de Coimbra, entre as quais - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEFUC), Faculdade de Ciências e Tecnologias (FCTUC), Faculdade de Direito (FDUC), Faculdade de Economia (FEUC), Faculdade de Farmácia (FFUC), Faculdade de Letras (FLUC), Faculdade de Medicina (FMUC) e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCEUC). Assim, em cada uma delas e em pontos considerados estratégicos (pontos de grande afluência), como as cantinas, os bares, a entrada das bibliotecas e as escadas monumentais, os estudantes eram convidados a responder ao questionário, sendo que a sua resposta não teria de ser imediata.

Os questionários, após o seu preenchimento, poderiam ser introduzidos, pelo respondente, numa das caixas devidamente identificadas, colocadas nas cantinas, nos bares e bibliotecas das faculdades.

Dos 1942 questionários distribuídos foram devolvidos 713 preenchidos. Destes questionários, dois assinalaram a mesma resposta em todas as questões e seis deixaram por preencher grande parte das questões (número elevado de valores omissos). Daqui resultaram 705 questionários, o que corresponde a uma taxa de resposta de 36.3%. Esta taxa é bastante satisfatória e, até mesmo, relativamente superior à obtida em estudos que abordaram temáticas similares. Por exemplo, Lea *et al.* (1993) obtiveram uma taxa de resposta de 21%, Tokunaga (1993) de 13% e, Agnew e Harrison (2015) de 17%. Porém, dos 705 questionários completos recolhidos, decidiu-se ainda excluir um respondente que não pertencia à UC, dois que pertenciam a cursos não conferentes de grau, quatro que não tinham nacionalidade portuguesa e quinze com idade superior a 29 anos de idade, idades residuais na amostra que correspondem a experiências de vida distintas da generalidade dos estudantes. Assim, foram considerados para análise estatística 683 questionários, com uma taxa de resposta líquida de 35.2%.

## **5.2. Questionário**

O questionário que serviu de suporte a este trabalho de investigação (ver Anexo 1) está estruturado em doze secções. As secções relevantes para este estudo são as seguintes: secção

II, onde são apresentadas várias questões que têm como objetivo medir as atitudes dos inquiridos em relação ao endividamento e à literacia financeira que eles percebem ter (doravante designada por literacia financeira subjetiva); secção IV, em que as questões têm como finalidade captar a socialização e o otimismo financeiro; secção V, em que os inquiridos são questionados sobre as suas intenções de contrair empréstimos; secção VIII, que avalia o grau com que o rendimento do estudante e da sua família satisfaz as respetivas necessidades (variável designada por rendimento subjetivo); secção IX constituída por questões que pretendem avaliar o grau de literacia financeira dos estudantes de forma objetiva; secções X e XI, em que se avalia a situação financeira dos pais do estudante e do próprio estudante, respetivamente; secção XII, onde se efetua uma caracterização do perfil sociodemográfico dos entrevistados.

Note-se que no questionário foram introduzidas duas questões sobre saúde pública para minimizar o problema de *common method variance* (Podsakoff *et al.*, 2003). Este problema ocorre quando é o mesmo indivíduo a responder às variáveis dependentes e independentes. Assim, com a introdução de uma variável que mede a satisfação com os serviços de saúde pretendemos isolar os efeitos que o método comum possa ter nos resultados, pois esta variável captará a variância que é partilhada por cada variável com as restantes variáveis e que representará tal enviesamento.

No que respeita ao instrumento utilizado para a recolha de dados, foi realizado um pré-teste onde foram testadas duas primeiras versões do questionário, uma com uma escala de *likert* 5, outra com uma escala de *likert* 7, para avaliar qual delas seria a mais adequada para a realização deste estudo. Foram distribuídos 26 questionários, por cada versão, a alunos da Universidade de Coimbra, com o intuito de avaliar a congruência, compreensão e redundância das questões, a linguagem utilizada, o grau de interesse e dificuldade do questionário, bem como a extensão do mesmo. Face aos resultados obtidos neste pré-teste, procedeu-se a ligeiras alterações no seu conteúdo.

A escala selecionada para todas as questões foi a *likert* de 5 níveis. Esta escala permite-nos medir as atitudes e conhecer o grau de conformidade do entrevistado com qualquer afirmação proposta. Neste sentido, a generalidade das possibilidades das questões varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”, expressas pelos valores 1 e 5, respetivamente. Apenas dois conjuntos de questões apresentam uma escala diferente, mas contendo, igualmente, a escala de cinco níveis, que varia entre “muito baixa” e “muito alta” e, entre “nunca” e “sempre”.

### 5.3. Operacionalização das variáveis

Para a mensuração de cada variável, foi avaliada, não apenas, uma afirmação, mas uma panóplia de questões inter-relacionadas, todas com sentido semelhante cuja expressão numérica era possível ser comparada. Seguidamente será apresentada cada variável relevante para a realização deste estudo.

#### Atitudes para com o endividamento

Esta variável procura medir a atitude, favorável ou não, de um indivíduo para com o endividamento, tendo por base o trabalho realizado por Davies e Lea (1995). O conjunto destas questões estão, porém, classificadas, de acordo com Haultain *et al.* (2010), em atitudes negativas (medo da dívida) e atitudes positivas (utilidade da dívida), numa escala que varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

1	Não há qualquer desculpa para pedir dinheiro emprestado.
2	Deve-se primeiro poupar antes de comprar algo.
3	Os estudantes deviam ser desencorajados de usar cartão de crédito.
4	Assim que contraímos dívidas é muito difícil livrarmo-nos delas.
5	É preferível ficar em casa do que pedir dinheiro emprestado para sair à noite.
6	Dever dinheiro é basicamente errado.
7	Deviam-se facilitar os empréstimos a estudantes.
8	É correto pedir dinheiro emprestado para comprar produtos essenciais.
9	Contrair empréstimos faz parte do estilo de vida atual.
10	É correto contrair um empréstimo se soubermos que podemos pagá-lo.
11	É bom ter algo agora e poder pagar mais tarde.
12	É bom pedir dinheiro emprestado porque permite desfrutar da vida.

#### Intenção de contrair empréstimos

Esta variável pretende averiguar a probabilidade de um indivíduo contrair empréstimos para financiar a aquisição de alguns bens ou serviços Estes itens foram traduzidos e adaptados do trabalho de Zhu e Meeks (1994). A escala utilizada varia entre “muito baixa” e “muito alta”.

1	Habitação
2	Bens de primeira necessidade
3	Mobiliário
4	Automóvel / outra viatura
5	Saúde
6	Eletrodomésticos / aparelhos eletrónicos
7	Educação
8	Férias

### **Influência parental**

As variáveis de socialização parental, ensinamento parental e número de empréstimos detidos pelos pais funcionarão como *proxies* para a influência parental.

#### Socialização parental

Esta variável procura medir as relações existentes entre a percepção das práticas parentais de socialização e os valores dos estudantes. As questões sobre a socialização parental foram medidas através do trabalho realizado por Shim *et al.* (2010). A escala utilizada varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

1	Os meus pais monitorizam as despesas mensais que fazem.
2	Os meus pais gastam dentro das suas posses.
3	Os meus pais poupam dinheiro todos os meses a pensar no futuro.
4	Os meus pais fazem investimentos financeiros com objetivos de longo prazo.

#### Ensinamento parental

Esta variável procura medir o papel dos pais no ensinamento de práticas responsáveis de recurso ao crédito e gestão de dinheiro. As questões sobre o ensinamento parental foram medidas através do trabalho realizado por Shim *et al.* (2009). A escala utilizada varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

1	No passado, os meus pais foram falando comigo sobre a importância de poupar.
2	Durante a minha infância e adolescência, os meus pais foram conversando comigo sobre os assuntos financeiros da família.
3	À medida que fui crescendo, os meus pais deram-me conselhos sobre como gastar o meu dinheiro de forma sensata.
4	No passado, os meus pais falaram comigo sobre o recurso ao crédito.

#### Número de empréstimos dos pais

A influência parental é também medida através do número de empréstimos detidos pelos pais do estudante, constituindo aparentemente uma forma de aproximar a influência dos pais de uma forma original.

### **Dificuldades financeiras**

As variáveis rendimento subjetivo do estudante e da família, o rendimento mensal líquido do agregado familiar e o otimismo financeiro funcionarão como *proxies* das dificuldades financeiras atuais e futuras.

#### Rendimento subjetivo do estudante e da família

Esta variável procura medir se o dinheiro, tanto do estudante como da família, é suficiente para satisfazer todo o tipo de necessidades. As questões foram traduzidas e adaptadas a partir

do trabalho realizado por O’Guinn e Wells (1989). A escala utilizada varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

1	O dinheiro que tenho / recebo não chega para satisfazer as minhas necessidades.
2	Mesmo quando o dinheiro que tenho/recebo aumenta nunca parece chegar para as minhas necessidades.
3	Tenho pouco dinheiro para gastar em coisas não essenciais.
4	O rendimento da minha família não chega para satisfazer as nossas necessidades.
5	Mesmo quando o rendimento da minha família aumenta nunca parece chegar para as nossas necessidades.
6	A minha família tem pouco dinheiro para gastar em coisas não essenciais.

### Rendimento objetivo

A variável rendimento mensal líquido do agregado familiar, designada por rendimento objetivo, é também usada como *proxy* das dificuldades financeiras. Note-se que à medida que o rendimento aumenta, diminuem as dificuldades financeiras.

### Otimismo financeiro

Esta variável pretende averiguar a perceção de um indivíduo a respeito da sua situação financeira futura, isto é, pretende-se saber quais as expectativas do entrevistado acerca do seu rendimento no futuro. Estas questões foram traduzidas e adaptadas através do trabalho realizado por Lumpkin (1985). A escala utilizada varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

1	Sou otimista em relação à minha situação financeira futura.
2	A minha situação financeira futura permitir-me-á satisfazer todos os meus desejos.
3	No futuro terei uma boa situação financeira.

### **Literacia financeira**

As variáveis literacia financeira subjetiva e literacia financeira objetiva – juros compostos, efeito da inflação e diversidade do risco – funcionarão como *proxies* para a literacia financeira.

### Literacia financeira subjetiva

Esta variável procura medir os conhecimentos que os estudantes detêm sobre práticas e conceitos relacionados com finanças pessoais. As questões foram traduzidas e adaptadas através do trabalho realizado por Xiao *et al.* (2011). A escala utilizada varia entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”.

1	Eu tenho mais conhecimentos sobre assuntos financeiros do que os meus amigos.
2	Eu tenho bons conhecimentos sobre práticas e conceitos relacionados com finanças pessoais.
3	Em geral, eu tenho bons conhecimentos sobre gestão do dinheiro.

### Literacia financeira objetiva

Esta variável procura medir o conhecimento dos inquiridos sobre juros compostos, efeito da inflação e diversidade de risco. As questões são as que, de forma predominante, são usadas na literatura, baseadas em vários trabalhos de Annamaria Lusardi e propostas em Lusardi e Mitchell (2008), sendo que a formulação da questão sobre juros compostos foi adaptada com base em Agnew e Harrison (2015).

(a) Supõe que tinhas 100€ numa conta de depósitos a prazo, em que a taxa de juro era de 2% ao ano. Se nunca efetuasses levantamentos, nem do dinheiro depositado nem dos juros acumulados, quanto dinheiro terias nesta conta após 5 anos?

(1) Menos de 110€       (2) Exatamente 110€       (3) Mais do que 110€       (4) Não sei

(b) Imagina que a taxa de juro na tua conta a prazo era de 1% ao ano e a inflação era de 2% ao ano. Quanto conseguirias comprar com o dinheiro dessa conta, ao fim de um ano?

(1) Mais do que atualmente       (2) Exatamente o mesmo que atualmente       (3) Menos do que atualmente       (4) Não sei

(c) Indica se a seguinte afirmação é verdadeira ou falsa: investir em ações de uma só empresa é mais seguro do que investir num fundo de investimento de ações.

(1) Verdadeira       (2) Falsa       (3) Não sei

### **5.4 Caracterização da amostra**

No que concerne à caracterização da amostra (Quadro A.1, em anexo), 61.8% dos inquiridos são do sexo feminino e 38.2% do sexo masculino. A idade predominante na amostra está compreendida entre os 20 e 21 anos, representando uma taxa de 38.6% (ver Gráfico A.1, em anexo) e os solteiros são quem dominam, maioritariamente, esta amostra (98.1%).

Em relação à dimensão do agregado familiar, quem se destaca com maior percentagem são as famílias com quatro elementos (44.8%), sendo que as famílias com três elementos apresentam uma percentagem considerável (32.6%). Há que realçar que o rendimento mensal líquido do agregado familiar que predomina varia entre os 1000 e 1499€ (31.8%) e, também, os rendimentos compreendidos entre 1500 e 2499€ apresentam uma percentagem relevante (27.3%) (ver Gráfico A.2, em anexo).

O nível de escolaridade dos progenitores foi, igualmente, considerado neste questionário, em que os inquiridos reportaram, com mais frequência, pais com ensino secundário (25.3%) e mães licenciadas (28.6%).

Os 683 estudantes repartem-se entre as várias faculdades da Universidade de Coimbra, sendo que a FCTUC concentra cerca de 38.8% dos inquiridos, a FMUC e a FEUC reúnem, respetivamente, 14.5% e 14.3%, a FDUC 9.7%, a FLUC, a FPCEUC e a FFUC rondam entre os 6 e 7% cada, e a FCDEFUC apresenta apenas 2.6% das observações. O Gráfico A.3, em anexo, compara a distribuição por faculdades dos estudantes inscritos Universidade de Coimbra em 2015/2016 com a dos que responderam ao questionário. Daqui se conclui que a representatividade da amostra é relativamente boa. Da totalidade dos questionários, a maior percentagem recai sobre alunos de licenciatura, com uma taxa de 78%, e, inerentemente, o número de matrículas que prevalece são as compreendidas entre 1 e 3 anos (64.7%).

Quanto às questões de natureza financeira, como as relativas à literacia financeira e aos empréstimos detidos pelos pais dos estudantes, apresentam-se as frequências das respostas dos inquiridos em anexo (ver Quadros A.2 e A.3). Verifica-se que 45.2% dos estudantes escolheram a resposta correta à questão sobre juros compostos, 55.2% acertaram a questão sobre o efeito da inflação na acumulação de juros e 42.5% acertaram à questão sobre a diversidade do risco. Este desempenho ligeiramente negativo, em média, contrasta com um valor positivo de 3.06 na média de respostas às questões sobre literacia financeira subjetiva (ver Quadro A.5, em anexo). As intenções de contrair crédito revelam que os estudantes são muito mais favoráveis a contrair crédito para bens mais essenciais, nomeadamente bens de primeira necessidade, saúde e educação (média de respostas de 3.63), do que para bens de natureza mais supérflua, especificamente habitação, mobiliário, automóvel ou outra viatura, eletrodomésticos ou aparelhos eletrónicos e férias (média de respostas de 2.3). No que diz respeito a empréstimos contraídos, os pais dos estudantes contraem crédito, inequivocamente, em habitação, com uma taxa de 61.6%, e, também, com uma taxa significativa (25.2%), em automóveis ou outras viaturas (ver Quadro A.3, em anexo). Em contraste, a contração de empréstimos pelos estudantes é bastante reduzida, sendo que apenas 2.4% afirmam ter um empréstimo bancário.

### **5.5. Composição final das variáveis**

Depois de recolhidos os inquéritos, efetuou-se o tratamento dos dados através do *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22.

Dada a pretensão em obter informação de qualidade, é impreterível garantir que os dados sejam fiáveis. Assim, todos os dados foram introduzidos, confirmados e, conseqüentemente, procedeu-se a uma análise de frequência com o propósito de detetar variáveis com valores

que se encontrassem fora da escala utilizada no trabalho. Terminado este processo, averiguou-se a existência de questionários com valores omissos. Os que apresentavam um número excessivo desses valores foram eliminados e os que apresentavam valores omissos ocasionais, substituíram-se estes valores pela média da variável. Seguidamente, foram invertidas as questões cujo sentido concetual se encontrava oposto às restantes. Desta forma, ficámos com a base de dados em condições para iniciar o estudo empírico.

Inicialmente procedeu-se a um processo designado por *item parceling* que consiste na agregação de itens de uma escala em pequenas parcelas (ver Quadro A.4, em anexo). Esta técnica é indicada, porque itens individuais tendem a ter maior grau de erro (Little *et al.*, 2002). Desta forma, para as escalas com um elevado número de itens constituíram-se parcelas de dois itens, exceccionalmente de três.

O procedimento subsequente consistiu em assegurar a validade das variáveis, isto é, garantir a consistência dos dados e a unidimensionalidade das medidas selecionadas. Inicialmente observou-se a correlação de cada afirmação com as restantes afirmações de cada escala. Como todos os valores observados eram superiores a 0.25, não foram eliminadas quaisquer afirmações das variáveis.

A unidimensionalidade baseia-se na ideia de que todos os itens que é suposto medirem uma variável serem representativos da mesma, ou seja, todos esses itens estão a medir o mesmo conceito. Para o efeito, seguidamente, procedemos ao refinamento das escalas, através da análise fatorial e, por último, da análise de consistência interna.

De acordo com Pestana e Gageiro (2008), a análise fatorial representa um conjunto de técnicas estatísticas que procuram explicar a correlação entre as variáveis observáveis, simplificando os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever. A análise fatorial estima o peso dos fatores e as variâncias para que tanto as covariâncias como as correlações previstas se aproximem o mais possível dos valores observados.

Uma das etapas cruciais na análise dos dados consiste em verificar a consistência interna das variáveis que pretendemos utilizar, isto é, verificar a fiabilidade das escalas utilizadas para medir cada uma das variáveis. Para tal, utilizou-se o teste *alfa de Cronbach* que considera a correlação entre as respostas de uma escala, bem como o número de afirmações na mesma. Assim, dado que todos os itens do questionário utilizam a mesma escala de medição, o coeficiente *alfa* é calculado a partir da variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens de cada avaliador. Portanto, depois de verificados os *alfas*, é

habitual eliminar as afirmações que diminuem o valor do coeficiente *alfa* da respetiva variável, como aconteceu com uma das questões da variável ensinamento parental, designadamente “No passado, os meus pais falaram comigo sobre o recurso ao crédito”.

Após a submissão de todas as variáveis às análises fatorial e de consistência interna, verificou-se, como demonstra o Quadro A.4, em anexo, a adequabilidade das medidas utilizadas neste trabalho.

Em síntese, destaca-se que os *alfas de Cronbach* associados às variáveis usadas neste estudo variam entre 0.67 e 0.88 e as variáveis são, na sua totalidade, unidimensionais.

Em relação à variável intenções de contrair empréstimos, esta constitui um índice (e não uma escala normal), uma vez que cada item não se encontra necessariamente correlacionado com os restantes itens da respetiva operacionalização. De qualquer forma, investigou-se a unidimensionalidade da mesma, tendo-se identificado duas dimensões, uma das quais tem a ver com a contração de empréstimos relacionada com bens de maior necessidade (como saúde, educação e bens de primeira necessidade) (ver Quadro A.4, em anexo) e outra engloba os empréstimos destinados a financiar produtos com um carácter mais supérfluo (como por exemplo férias). Assim, constituiu-se uma variável para cada um dos fatores identificados, bem como uma variável para a média dos oito tipos de empréstimos identificados.

Terminado este processo, procedeu-se à criação das variáveis finais, que resultaram da média dos valores das respostas a cada uma das variáveis em análise. É de salientar que as novas variáveis não alteram a lógica da escala original, simplificando a interpretação da informação relativa a cada uma das variáveis (Pestana e Gageiro, 2008). Para além disso, foram criadas as médias centradas para algumas variáveis, que posteriormente foram elevadas ao quadrado, a fim de investigar a não linearidade de relações. Este procedimento reduz a multicolinearidade resultante da formação dos termos quadráticos. No Quadro A.5, em anexo, apresentam-se algumas estatísticas descritivas das variáveis em análise, como a média e o desvio-padrão.

## **5.6. Estratégia Empírica**

Para testar a veracidade das hipóteses de investigação formuladas irão estimar-se cinco modelos. O primeiro pretende utilizar as atitudes para com o endividamento como variável dependente, o segundo utilizará como variável dependente a intenção de contrair empréstimos (média simples dos oitos itens que foram utilizados para medir a variável), o terceiro pretende averiguar efeitos de mediação das atitudes nas intenções de contrair

empréstimos. O efeito de mediação consiste numa terceira variável que age como interveniente entre duas variáveis numa relação, ou seja, ela recebe influência da variável independente e influencia a variável dependente (Baron e Kenny, 1986). Nos modelos 4 e 5 estima-se de novo a variável intenções de contrair empréstimos, considerando, respetivamente, três e cinco dos itens que foram utilizados para medir esta variável, pois, como foi discutido na metodologia, a análise da dimensionalidade da escala das intenções de contrair crédito revelou uma dimensão respeitante a empréstimos de natureza mais essencial (nomeadamente bens de primeira necessidade, saúde e educação) e outra dimensão com uma natureza mais supérflua (a saber, habitação, mobiliário, automóvel ou outra viatura, eletrodomésticos ou aparelhos eletrónicos e férias).

## **6. Resultados e Discussão**

### **6.1 Resultados das Estimações**

Finalizado o enquadramento do estudo, apresentam-se os resultados empíricos com a finalidade de dar resposta aos objetivos expostos para este trabalho.

Desta forma, através da regressão linear, analisar-se-á o efeito das variáveis independentes sobre a variável dependente. Para iniciar o processo de estimação seguiu-se um conjunto de procedimentos, em que foram testados cinco modelos diferentes, como exhibe o Quadro 2. Note-se ainda que, quando o termo linear não se revelou significativo, se estudou a existência de um efeito quadrático, tendo-se para o efeito previamente centrado a variável em torno da média, com o fim de reduzir a multicolinearidade resultante dos termos multiplicativos.

Da análise global do modelo 1, observou-se um  $R^2$  de 0.12 o que significa que as variáveis independentes explicam cerca de 12% da variância total das atitudes para com o endividamento. No que respeita ao teste F verifica-se um valor de 4.29, que é significativo ao nível de 0%, rejeitando-se a hipótese nula da variação da variável dependente não ser explicada pelo modelo. Assim, conclui-se que em termos globais as variáveis independentes incluídas no modelo contribuem para a explicação das atitudes para com o endividamento. Em relação ao valor do VIF, quanto maior ele for maior será o grau de multicolinearidade. O VIF é calculado pela seguinte fórmula:  $VIF = \frac{1}{1-R^2}$ . Na estimação deste modelo todas as variáveis têm um VIF inferior a dois, com a exceção da variável rendimento subjetivo da família (inferior a três), pelo que se pode concluir que se está perante um modelo com

ausência de multicolinearidade. Através da análise do teste White verificou-se que este modelo é homoscedástico.

Da análise realizada aos modelos 2, 3 4 e 5 observaram-se, respetivamente um  $R^2$  de 0.07, 0.16, 0.11 e 0.17. Em relação ao teste F, para os mesmos modelos, verificaram-se, respetivamente, valores de 2.62, 5.87, 3.53 e 6.26, que são considerados estatisticamente significativos ao nível de 0%. Portanto, em termos globais, as variáveis independentes contidas nos modelos contribuem para a explicação das intenções de contrair empréstimos. Os valores VIF destes quatro modelos, tal como no primeiro modelo, são inferiores a dois, à exceção da variável rendimento subjetivo da família (inferior a três). Também, os modelos 2,3 e 4, através do teste White, verificou-se serem homoscedásticos. Já o modelo 5, contrariamente aos anteriores, verificou-se ser heteroscedástico. Assim, foi feita a correção deste problema através dos erros padrão robustos.

O primeiro modelo foi estimado com as atitudes para com o endividamento como variável dependente e como variáveis independentes foram utilizadas as literacias financeiras subjetiva e objetiva, as variáveis que podem captar a influência parental - socialização e ensinamento parentais e, o número de empréstimos contraídos pelos pais, os rendimentos subjetivos do estudante e da família, o rendimento mensal líquido do agregado familiar e o otimismo financeiro, a idade, o sexo, o nível de escolaridade do pai<sup>5</sup>, a dimensão do agregado familiar e o nível de ensino do estudante. Depois de realizada a primeira regressão, verificou-se uma relação negativa e significativa, ao nível de 1%, entre a literacia financeira subjetiva e as atitudes para com o endividamento, o que está de acordo com a hipótese 1a. A literacia financeira subjetiva é, também, significativa tendo em conta o seu efeito quadrático, o que evidencia uma relação côncava negativa com as atitudes para com o endividamento, suportando parcialmente a hipótese 1a. No que respeita à literacia financeira objetiva, verificou-se uma relação positiva e significativa com a variável dependente, o que contraria a hipótese 1a.

Verificou-se, ainda, uma relação negativa e significativa com o ensinamento parental, o que está de acordo a hipótese 2a. Já a variável número de empréstimos que os pais detêm, tanto dois como três ou mais, é significativa e tem um efeito positivo nas atitudes para com o endividamento, o que suporta a hipótese 2a. Isto é, um maior laxismo creditício por parte dos pais origina uma maior predisposição para o endividamento por parte dos filhos.

---

<sup>5</sup> O nível de escolaridade da mãe não foi incluído na regressão, pois apresenta um coeficiente de correlação de 0.68 com o do pai.

Em relação ao otimismo financeiro, verificou-se que os estudantes que têm a expectativa de vir a obter rendimentos futuros elevados apresentam uma atitude menos favorável ao crédito, o que contraria a hipótese 3a.

O nível de escolaridade dos pais dos estudantes é significativo e tem um efeito positivo sobre a variável dependente, o que contraria a hipótese 4a. Ainda no mesmo modelo, verifica-se que a idade, o sexo, o rendimento subjetivo do estudante e da família, e o rendimento mensal líquido do agregado familiar não são significativos para as atitudes para com o endividamento.

Em relação ao segundo modelo, a variável dependente utilizada foi a intenção de contrair empréstimos (média simples dos oitos itens que foram utilizados para medir a variável) e as variáveis explicativas desta regressão são as supraditas no primeiro modelo. Os resultados mostram que o efeito da literacia financeira subjetiva sobre a intenção de contrair empréstimos é negativo e estatisticamente significativo, tal como no modelo 1, neste caso ao nível de 5%, o que está de acordo com a hipótese 1b. No que respeita ao efeito do número de empréstimos que os pais dos estudantes detêm, este é significativo e positivo quando eles apresentam um número igual ou superior a três empréstimos, o que suporta a hipótese 2b.

O rendimento mensal líquido do agregado familiar apresenta uma relação com a intenção de contrair empréstimos estatisticamente significativa, tendo em conta o seu efeito quadrático, o que demonstra uma relação em forma de U invertido. Esta relação está, assim, parcialmente de acordo com a hipótese 3b. Já a idade dos estudantes é significativa ao nível de 1% e tem um efeito negativo sobre a intenção de contrair empréstimos, o que contraria a hipótese 5b. No que concerne às restantes variáveis, estas não são significativas na explicação da variável dependente.

No terceiro modelo testa-se o efeito mediador das atitudes nas intenções de contração de empréstimos. Se os coeficientes das variáveis que compõem o segundo modelo diminuírem no terceiro modelo com a inclusão das atitudes, conclui-se que a variável que foi adicionada exerce um efeito mediador na relação entre as restantes variáveis explicativas e a intenção de contrair empréstimos. A comparação entre os modelos 2 e 3 revela que se reduzem os coeficientes das variáveis literacia financeira subjetiva (que perde inclusive a significância no modelo 3), os pais deterem três ou mais empréstimos e a idade.

Ainda quanto ao terceiro modelo, podemos observar que a variável atitude apresenta significância estatística ao nível de 1% e tem um impacto positivo nas intenções de contrair empréstimos, o que está de acordo com a hipótese 7. Assim, a estimação revela que as

atitudes para com o endividamento medeiam, pelo menos parcialmente, os efeitos das variáveis explicativas acima mencionadas.

Ainda no terceiro modelo, com a junção da variável atitudes para com o endividamento, a variável respeitante ao rendimento subjetivo do estudante, que capta a percepção que o estudante tem acerca das dificuldades financeiras da sua família, tornou-se significativa e com um efeito positivo sobre a intenção de contrair empréstimos, o que está de acordo com a hipótese 3b.

Passando, agora, ao quarto modelo, a variável dependente continua a ser a intenção de contrair empréstimos, porém inclui apenas três dos itens que foram utilizados para medir esta variável (bens de primeira necessidade, saúde e educação)<sup>6</sup>. As variáveis explicativas que integram esta regressão são as utilizadas no terceiro modelo, incluindo, portanto, as atitudes para com o endividamento. Deste modo, as atitudes para com o endividamento demonstram ter uma relação positiva e estatisticamente significativa com a variável dependente, o que está de acordo com a hipótese 7. Já a literacia financeira subjetiva revela ter um impacto negativo e significativo na variável dependente, de acordo com a hipótese 1b.

O ensinamento parental mostra uma relação positiva e significativa, ao nível de 1%, com a intenção dos estudantes em contrair empréstimos, o que contraria a hipótese 2b. A idade dos estudantes e o rendimento mensal líquido do agregado familiar, tendo em consideração os seus efeitos quadráticos, têm uma relação em forma de U invertido sobre a variável dependente, porém a variável idade refuta, parcialmente, a hipótese 5b e a variável rendimento mensal líquido do agregado familiar está parcialmente de acordo com a hipótese 3b. As demais variáveis não são significativas.

Por último, o quinto modelo é reservado aos restantes itens das intenções que não completam a variável dependente do quarto modelo (habitação, mobiliário, automóvel ou outra viatura, eletrodomésticos ou aparelhos eletrónicos e férias). Este integra, igualmente, as variáveis explicativas dos modelos anteriores, onde, também, as atitudes para com o endividamento estão incluídas. Assim, esta última estimação demonstra um impacto positivo e estatisticamente significativo ao nível de 1% na variável dependente, o que está de acordo com a hipótese 7. A literacia financeira subjetiva é significativa, tendo em conta o seu efeito

---

<sup>6</sup> Recorde-se que, aquando da investigação da unidimensionalidade da variável intenção de contrair empréstimos, esta era bidimensional. Assim, constituiu-se uma variável para cada um dos fatores identificados, bem como uma variável para a média dos oito tipos de empréstimos identificados.

quadrático, o que demonstra uma relação com a intenção de contrair empréstimos em forma de U invertido, o que, também, coincide, parcialmente, com a hipótese 1b.

A socialização e ensinamento parentais são significativos ao nível de 10% e 5%, respetivamente, todavia apresentam relações contrárias com a intenção de contrair empréstimos. Quanto ao ensinamento parental, o efeito negativo que este tem sobre a variável dependente é concordante com a hipótese 2b, contudo a socialização parental vem refutar o que é descrito na mesma hipótese, que previa uma relação negativa. A variável número de empréstimos detidos pelos pais (três ou mais empréstimos) tem um impacto positivo na variável dependente, de acordo com a hipótese 2b.

No que concerne à variável rendimento subjetivo do estudante, esta tem um impacto positivo sobre as intenções dos estudantes em contrair empréstimos, o que está de acordo com a hipótese 3b. As variáveis demográficas que, nesta regressão, se apresentam significativas são a idade e o sexo, com um efeito negativo sobre a variável dependente. Em relação a esta última, pode inferir-se que o sexo masculino tem mais intenção de contrair este tipo de empréstimos do que o sexo feminino, como é descrito na hipótese 6b.

## **6.2 Discussão dos Resultados**

Após a exposição dos resultados da investigação, partimos, agora, para a sua discussão, relacionando o que averiguámos na revisão da literatura e na formulação de hipóteses com os resultados obtidos.

No que respeita à variável literacia financeira, verifica-se que, quando medida de forma subjetiva, apresenta uma relação negativa com as atitudes para com o endividamento, e com as intenções quase sempre estatisticamente significativa. Este resultado revela o papel importante que a literacia financeira exerce na vida dos estudantes universitários ao contribuir com atitudes menos favoráveis para com o endividamento. Esta relação negativa está de acordo com o verificado noutros trabalhos, nomeadamente os de Lusardi *et al.* (2010) e Jorgensen (2007). A literacia financeira subjetiva, tendo em conta o seu efeito quadrático evidencia, nos modelos 1 e 5, uma relação côncava negativa com a variável dependente. Isto significa que para níveis mais elevados de literacia financeira subjetiva, a atitude para com o endividamento torna-se ainda mais desfavorável, ou seja, os efeitos da literacia acentuam-se.

Quando medida de forma objetiva, a literacia financeira já apresenta resultados que nem sempre vão ao encontro da hipótese formulada. O sinal positivo da Literacia Financeira Objetiva\_3, no modelo 1, pode dever-se ao facto de os estudantes que acertam a questão

sobre diversidade do risco terem uma maior percepção de que conseguiriam lidar com o crédito, sem incorrer no risco de não cumprirem com as suas obrigações. Esta autoconfiança em lidar com problemas financeiros pode, então, conferir-lhes uma atitude mais favorável ao crédito, pois desvaloriza a visão mais negativa do crédito. Isso não significa, porém, que estes estudantes tenham necessariamente uma maior apetência pelo endividamento, pois as intenções de contrair crédito são insensíveis às medidas objetivas de literacia financeira, exceto o caso assinalado no modelo 5. O facto de os resultados respeitantes aos efeitos da literacia financeira subjetiva e objetiva apresentarem relações contrárias com a variável dependente vai ao encontro do que é atestado na literatura, de que o conhecimento subjetivo, que é uma combinação de conhecimento e autoconfiança, pode divergir do conhecimento real, contribuindo, desta forma, para que haja um efeito diferente entre conhecimento subjetivo e objetivo (Raju *et al.*, 1995). Por outro lado, apesar do elevado consenso gerado na literatura em torno da medição da literacia financeira, tal como foi adotada neste trabalho, pode levantar-se a questão sobre se é efetivamente adequada, em particular na realidade estudada.

Os resultados relativos às variáveis que captam a influência parental corroboram, genericamente, a hipótese 2. Em particular, a variável número de empréstimos que os pais detêm apresenta resultados que demonstram que os exemplos que os pais transmitem aos seus descendentes se repercutem, de forma decisiva, nas suas vidas. Concretamente, a contração de empréstimos pelos pais, sobretudo se forem três ou mais, contribui para que os estudantes tenham atitudes mais favoráveis com o endividamento e apresentem maiores intenções de contração de empréstimos. A variável ensinamento parental também apresenta resultados que, genericamente, validam a hipótese formulada, comprovando o que é atestado por Shim *et al.* (2009) e Kim *et al.* (2015), que argumentam que os ensinamentos que os pais incutem nos seus filhos têm uma importância extrema na relação que eles têm com a dívida. Porém, no quarto modelo, onde se avaliam as determinantes das intenções de contrair empréstimos de uma natureza mais essencial, a variável ensinamento parental, contraria a hipótese 2, o que pode sugerir que os estudantes tenham recebido conselhos dos pais que aprovem empréstimos, como os que integram a variável dependente do modelo em análise, por necessidade absoluta (como a saúde e a educação), mas que desaprovem empréstimos para adquirir bens de natureza supérflua, como atesta o resultado da mesma variável no modelo 5. Logo, é possível que esta relação se deva ao facto de estarem em causa bens/serviços essenciais à vivência humana. Curiosamente, a variável socialização parental,

no que concerne ao quinto modelo, apresenta um sinal positivo nas intenções de contração de empréstimos, contrário à hipótese 2 e também aos resultados da variável ensinamento parental. Este resultado pode indiciar que, apesar dos ensinamentos parentais irem no sentido de reprovarem estes empréstimos, que financiam despesas mais supérfluas, os comportamentos financeiros dos pais, captados na influência parental, traduzem eventuais desvios ao ideal, possivelmente porque os portugueses têm atravessado grandes dificuldades financeiras, obrigando muitas famílias a deixar de poupar, a recorrerem mais ao crédito e a terem, genericamente, maior aperto financeiro, ou seja, pode aqui aplicar-se a ideia do ditado popular “faz o que eu digo, mas não faças o que eu faço”.

Quanto às variáveis que medem as dificuldades financeiras verifica-se que o rendimento mensal líquido do agregado familiar, tendo em conta o seu efeito quadrático, ao demonstrar uma relação em forma de U invertido, como se verifica nos modelos 2, 3 e 4, denota que para níveis baixos de rendimento, a relação deste com as intenções de contrair crédito é crescente, provavelmente porque um aumento no rendimento confere confiança nos estudantes quanto à capacidade de pagamento e, também, maior confiança quanto à capacidade para obter empréstimos, enquanto para níveis elevados de rendimento a relação é decrescente, provavelmente porque à medida que o rendimento aumenta a necessidade de contração de crédito, e portanto as intenções de contrair crédito, diminuem. Já os resultados obtidos na variável rendimento subjetivo do estudante, nos modelos 3 e 5, mostram que à medida que as dificuldades percebidas pelos estudantes aumentam, aumenta também a sua propensão para o endividamento, validando a hipótese 3. O efeito positivo, verificado no modelo 3, está, assim, em concordância com a parte do efeito negativo do rendimento mensal líquido do agregado familiar, no mesmo modelo, ou seja, famílias com mais capacidades financeiras têm menos intenções de recorrer ao crédito, pois as suas necessidades de recursos financeiros são menores, comprovando o que é atestado por Lea *et al.* (1993).

A variável otimismo financeiro apresenta, no modelo 1, uma relação negativa com as atitudes face ao endividamento, o que contraria a hipótese 3. A razão para este resultado pode residir na possibilidade dos estudantes terem a expectativa de que a sua situação económica futura, que provavelmente será melhor que a atual, lhes permitirá adquirir os bens necessários para a satisfação das suas necessidades, dessa forma não precisando de recorrer ao crédito para comprarem o que desejam.

No que concerne às variáveis demográficas, apenas, no modelo 5, existe uma diferença estatisticamente significativa entre géneros, com uma maior intenção de contrair empréstimos

de natureza mais supérflua por parte do sexo masculino, comprovando a hipótese 6. No que diz respeito à idade, os resultados obtidos para os modelos 2, 3 e 5 contrariam a hipótese formulada de uma relação positiva, o que pode ser explicado pelo facto do crédito não ser uma prática comum entre estudantes universitários portugueses, isto é, com o passar dos anos não se gera um efeito de habituação pelo convívio com o crédito fácil, como no estudo de Davies e Lea (1995). Pelo contrário, é possível que o ganho de maturidade torne os estudantes menos favoráveis à contração de crédito. O efeito quadrático, observado no modelo 4, sugere que à medida que a idade aumenta, a propensão para contrair tais empréstimos também aumenta, mas a partir de determinada idade, tal propensão atenua-se. Uma possível explicação para o efeito positivo da idade para níveis etários mais baixos pode ser devido ao facto dos primeiros anos de universidade levarem ao reconhecimento da universalidade dos bens/serviços em causa nesta regressão, enquanto a partir de determinada idade, ganhos de maturidade adicionais poderão estar associados a uma crescente visão negativa sobre o endividamento, que se começa a sobrepor aos benefícios associados aos empréstimos para tais bens/serviços.

A variável nível de escolaridade dos pais, no modelo 1, refuta o que é descrito na hipótese 4. Tal resultado pode indiciar que níveis maiores desta variável tendem a estar associados a um nível de vida superior, em que se aspira a um conjunto mais dispendioso de bens e serviços, o que é facilitado pelo crédito.

Em relação ao efeito mediador das atitudes nas intenções de contrair empréstimos, testado no modelo 3, dado que a atitude fez diminuir os coeficientes da literacia financeira subjetiva, dos empréstimos detidos pelos pais e da idade, os resultados sugerem ser um canal de transmissão dos efeitos destas variáveis para a intenção de contrair empréstimos.

Por último, é de salientar que o quinto modelo revela um maior número de variáveis estatisticamente significativas que o modelo 4. Uma possível explicação é o facto de o modelo 4 tratar de bens/serviços essenciais, e que têm uma natureza universal, o que pode reduzir a relevância de variáveis psicológicas e de outra natureza. O quinto modelo, em oposição, refere-se às intenções de contrair empréstimos, regra geral, para bens/serviços mais supérfluos, abrindo espaço para uma maior capacidade explicativa de variáveis com maior pendor psicológico.

**Quadro 2** – Regressões lineares das atitudes e intenções de crédito

	<b>Modelo 1</b> <b>Atitudes</b>	<b>Modelo 2</b> <b>Intenções 8</b>	<b>Modelo 3</b> <b>Intenções 8</b>	<b>Modelo 4</b> <b>Intenções 3</b>	<b>Modelo 5</b> <b>Intenções 5</b>
<b>Literacia Financeira Subjetiva</b>	-0.070***	-0.069**	-0.047	-0.108**	-0.033
<b>Literacia Financeira Subjetiva<sup>2</sup></b>	-0.073***				-0.062**
<b>Literacia Financeira Objetiva_1</b>	0.054	0.002	-0.022	0.029	-0.054
<b>Literacia Financeira Objetiva_2</b>	0.014	-0.049	-0.055	0.006	-0.094*
<b>Literacia Financeira Objetiva_3</b>	0.060*	0.054	0.033	0.029	0.039
<b>Socialização Parental</b>	-0.007	0.052	0.056	0.007	0.089*
<b>Ensino Parental</b>	-0.061**	-0.018	0.008	0.183***	-0.091**
<b>Empréstimos_2</b>	0.102**	0.089	0.047	-0.028	0.097
<b>Empréstimos_3 ou mais</b>	0.202***	0.333***	0.247***	0.235	0.257***
<b>Rendimento Subjetivo do Estudante</b>	-0.025	0.050	0.057*	-0.062	0.116***
<b>Rendimento Subjetivo da Família</b>	-0.001	-0.040	-0.037	-0.053	-0.023
<b>Rendimento do Agregado Familiar</b>	0.007	0.009	0.008	0.027	-0.004
<b>Rendimento do Agregado Familiar<sup>2</sup></b>		-0.030**	-0.031**	-0.049**	
<b>Otimismo Financeiro</b>	-0.049*	0.002	0.026	0.032	0.023
<b>Saúde Pública</b>	0.041**	-0.007	-0.025	-0.054	-0.008
<b>Sexo</b>	-0.023	-0.058	-0.051	0.120	-0.160***
<b>Idade</b>	-0.279	-0.871***	-0.731***	-0.436	-0.609*
<b>Idade<sup>2</sup></b>				-8.101***	
<b>Agregado Familiar</b>	0.023	0.004	-0.007	-0.029	-0.001
<b>Nível de Ensino</b>	0.022	-0.031	-0.044	-0.095	-0.013
<b>Nível de Escolaridade do Pai</b>	0.019*	-0.015	-0.022	-0.032	-0.016
<b>Atitudes para com o Endividamento</b>			0.410***	0.414***	0.379***
<b>R<sup>2</sup></b>	0.116	0.074	0.159	0.107	0.170
<b>R<sup>2</sup> Ajustado</b>	0.089	0.046	0.132	0.076	0.143

**Nota:** Variável dependente: Modelo 1: Atitudes para com o endividamento; Modelo 2 e 3: Intenções de contrair empréstimos (média simples dos oito itens que foram utilizados para medir esta variável); Modelo 4: Intenção de contrair empréstimos (inclui três dos itens que foram utilizados para medir esta variável: bens de primeira necessidade, saúde e educação); Modelo 5: Intenção de contrair empréstimos (inclui cinco dos itens que foram utilizados para medir esta variável: habitação, mobiliário, automóvel ou outra viatura, eletrodomésticos ou aparelhos eletrónicos e férias.

Literacia Financeira Objetiva\_1: estudantes que acertaram à questão sobre juros compostos; Literacia Financeira Objetiva\_2: estudantes que acertaram à questão sobre efeito da inflação; Literacia Financeira\_3: estudantes que acertaram à questão sobre diversidade do risco; Empréstimos\_2: pais que contraíram 2 empréstimos; Empréstimos\_3 ou mais: pais que contraíram 3 ou mais empréstimos.

A variável sexo é uma *dummy*, em que o valor 1 corresponde ao sexo feminino e o valor 0 ao sexo masculino.

\*\*\*, \*\*, \* significa que a variável é estatisticamente significativa a 1, 5 e 10%, respetivamente.

**Fonte:** Elaboração própria com recurso ao programa Gretl.

## **7. Conclusões**

### **7.1. Contribuições do trabalho de investigação**

Além da importância académica, este trabalho estabeleceu um conjunto de linhas orientadoras para a investigação de fatores de índole económica, social, psicológica e demográfica associados ao endividamento. Este constitui, portanto, uma análise integrada e multidimensional dos fatores associados às atitudes e intenções para com o endividamento. Deste modo, este estudo permitiu confirmar que, para além da relevância das variáveis económicas para antever situações de endividamento, os fatores sociais (por exemplo, a influência parental), psicológicos (como a literacia financeira) e demográficos (por exemplo, a idade, o sexo e o nível de escolaridade dos pais) também estão associadas à propensão dos indivíduos ao endividamento.

O conhecimento dos mecanismos associados ao desejo e motivação dos estudantes a envolverem-se em práticas de endividamento são fundamentais para permitir a um indivíduo ganhar controlo sobre a sua situação financeira. Desta forma, os resultados obtidos neste trabalho podem contribuir para auxiliar os estudantes universitários que têm ou poderão vir a ter problemas relacionados com o endividamento, como também para incentivar outros investigadores a refletir sobre as atitudes e intenções para com o endividamento.

É de salientar que este estudo vem dar um contributo importante para analisar um fenómeno que não tem sido objeto de estudo no nosso país. Paralelamente, é de ressaltar o contributo a nível teórico que passa pela identificação de novas relações e a clarificação de outras. É de destacar que este estudo indicou que os antecedentes da contração de empréstimos para bens/serviços essenciais podem ser diferentes dos antecedentes da contração de empréstimos para bens/serviços supérfluos. É também original o conjunto de resultados associados ao número de empréstimos dos pais. Em quase todas as regressões se verifica que tal variável contribui positivamente para as atitudes/intenções de contração de empréstimos. Deve evidenciar-se, também, os efeitos quadráticos identificados. Os resultados respeitantes à literacia financeira objetiva sugerem uma evidência limitada e não consistente da influência desta variável nas atitudes e intenções para com o endividamento, o que pode suscitar dúvidas sobre as medidas adotadas para a medir. Quanto à influência parental, nem sempre se obtiveram resultados consistentes com o expectável. Estes resultados indicam o valor de utilizar diferentes medidas para a influência parental, de forma a isolar as diferentes formas através das quais esta é exercida. Os resultados referentes às dificuldades financeiras

revelam que a baixos/altos níveis de rendimento do agregado familiar um aumento deste associa-se a um aumento/redução nas intenções de contrair empréstimos, em particular de natureza mais essencial. No entanto, o rendimento não exerce influência nas intenções de contrair empréstimos destinados a financiar produtos de natureza mais supérflua, o que se pode dever ao facto deste tipo de empréstimos estar mais associado a necessidades psicológicas, o que é coerente com o efeito do rendimento subjetivo, que denota que maiores dificuldades percecionadas aumentam a predisposição para a contração de tais empréstimos.

Os objetivos primordiais deste trabalho de projeto consideram-se, assim, atingidos. Todavia, é relevante destacar a oportunidade e a urgência para aprofundar e pormenorizar o conhecimento sobre o endividamento, uma vez que ainda existe um amplo trabalho por realizar.

## **7.2. Limitações do estudo e direções para trabalhos futuros**

Apesar das contribuições ressaltadas, qualquer investigação científica nunca atinge os objetivos delineados na sua plenitude, na medida em que existem sempre limitações.

Uma das limitações presentes prende-se com a dimensão da amostra. A análise de qualquer realidade é tanto mais fiável quanto maior for o número de casos estudados, pois os resultados obtidos caracterizam-se por serem mais consistentes e fidedignos. A presente dissertação apresenta uma amostra com uma dimensão significativa, porém relativamente reduzida, que devido ao espaço e ao tempo disponível não foi possível explorar com outra dimensão. Por outro lado, a representatividade da amostra está, igualmente, limitada pelo facto de ter incidido, apenas, sobre os estudantes da Universidade de Coimbra. Neste contexto, é necessário algum cuidado na extrapolação dos resultados obtidos. Consequentemente, torna-se relevante efetuar estudos mais amplos para generalizar os resultados. Mais concretamente, será importante que investigações futuras utilizem amostras mais representativas da população portuguesa e, até, amostras internacionais.

Outra das limitações reside no facto de que os resultados obtidos poderão ter sido afetados por problemas associados à medição das variáveis. Algumas das variáveis utilizadas no estudo apresentam um *alfa de Cronbach* algo baixo (por exemplo, atitudes para com o endividamento e socialização parental), indicando uma consistência das medidas que pode ser melhorada.

Em suma, o comportamento dos indivíduos, nomeadamente dos estudantes universitários, relativamente às matérias financeiras não é indiferente às constantes modificações verificadas

na economia de um país, bem como no próprio indivíduo. Assim, e tendo em conta o facto de o estudo ter sido realizado num dado momento do tempo, não é possível estabelecer a relação de causalidade entre as variáveis analisadas. Neste sentido, seria relevante o desenvolvimento de estudos longitudinais que acompanhassem o fenómeno do endividamento entre estudantes de ensino superior e a sua posterior entrada no mercado de trabalho.

## 8. Lista de referências bibliográficas

Agnew, S.; Harrison, N. (2015). Financial literacy and student attitudes to debt: A cross national study examining the influence of gender on personal finance concepts. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 25, 122-129.

Banco de Portugal (2011), *Boletim Estatístico*, janeiro, Lisboa.

Banco de Portugal (2016), *Boletim estatístico*, março, Lisboa.

Banco de Portugal. BPstat. Disponível em [www.bportugal.pt/EstatisticasWEB/\(S\(bshkir45vh4qdaq1upjxwvrn\)\)/SeriesCronologicas.aspx](http://www.bportugal.pt/EstatisticasWEB/(S(bshkir45vh4qdaq1upjxwvrn))/SeriesCronologicas.aspx), acessado a 29 de abril de 2016.

Baron, R. M.; Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173.

Brown, S.; Taylor, K.; Price, S. W. (2005). Debt and distress: Evaluating the psychological cost of credit. *Journal of Economic Psychology*, 26(5), 642-663.

Chien, Y. W.; Devaney, S. A. (2001). The effects of credit attitude and socioeconomic factors on credit card and installment debt. *Journal of Consumer Affairs*, 35(1), 162-179.

Conselho de Reitores das Universidade Portuguesas. Disponível em [www.crup.pt/pt/estudantes/sistema-de-emprestimos-com-garantia-mutua](http://www.crup.pt/pt/estudantes/sistema-de-emprestimos-com-garantia-mutua), acessado a 28 de abril de 2016.

Costa, S.; Farinha, L.; Banco de Portugal. (2012). O endividamento das famílias: uma análise microeconómica com base nos resultados do inquérito à situação financeira das famílias. *Relatório de Estabilidade Financeira: Maio*, 137-163.

Davies, E.; Lea, S. E. (1995). Student attitudes to student debt. *Journal of Economic Psychology*, 16(4), 663-679.

Diário Económico (2015). Disponível em [http://www.snesup.pt/htmls/\\_dllds/2015.03.30\\_DiarioEconomico.pdf](http://www.snesup.pt/htmls/_dllds/2015.03.30_DiarioEconomico.pdf), acessado a 10 de maio de 2016.

Economias (2015). Disponível em <http://www.economias.pt/credito-garantia-mutua-para-estudantes-do-ensino-superior/>, acessado a 10 de maio de 2016.

Eurostat. Disponível em [http://ec.europa.eu/eurostat/data/database?node\\_code=tec00104](http://ec.europa.eu/eurostat/data/database?node_code=tec00104), acessado a 6 de maio de 2016.

Friedman, M., (1957). A theory of the consumption function. National Bureau of Economic Research, General Series 63. Princeton: Princeton University Press.

Gathergood, J. (2012). Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. *Journal of Economic Psychology*, 33(3), 590-602.

- Harrison, N., Agnew, S.; Serido, J. (2015). Attitudes to debt among indebted undergraduates: A cross-national exploratory factor analysis. *Journal of Economic Psychology*, 46, 62-73.
- Haultain, S.; Kemp, S.; Chernyshenko, O. S. (2010). The structure of attitudes to student debt. *Journal of Economic Psychology*, 31(3), 322-330.
- Joireman, J.; Kees, J.; Sprott, D. (2010). Concern with immediate consequences magnifies the impact of compulsive buying tendencies on college students' credit card debt. *Journal of Consumer Affairs*, 44(1), 155-178.
- Jorgensen, B. L. (2007). *Financial literacy of college students: Parental and peer influences*. Doctoral dissertation, Virginia Polytechnic Institute and State University.
- Kim, C.; Yang, Z.; Lee, H. (2015). Parental style, parental practices, and socialization outcomes: An investigation of their linkages in the consumer socialization context. *Journal of Economic Psychology*, 49, 15-33.
- Klapper, L.; Lusardi, A.; van Oudheusden, P. (2015). Financial Literacy around the World: Insights from the Standard & Poor's Ratings Services Global Financial Literacy Survey.
- Lea, S. E.; Webley, P.; Levine, R. M. (1993). The economic psychology of consumer debt. *Journal of Economic Psychology*, 14(1), 85-119.
- Lindon, D; Lendrevie, J.; Lévy, J.; Dionísio, P; Rodrigues, J. V. (2004). *Mercator XXI - Teoria e prática do Marketing*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Little, T. D.; Cunningham, W. A.; Shahar, G.; Widaman, K. F. (2002). To parcel or not to parcel: Exploring the question, weighing the merits. *Structural equation modeling*, 9(2), 151-173.
- Livingstone, S. M.; Lunt, P. K. (1992). Predicting personal debt and debt repayment: Psychological, social and economic determinants. *Journal of Economic Psychology*, 13(1), 111-134.
- Lumpkin, J. R. (1985). Validity of a brief locus of control scale for survey research. *Psychological Reports*, 57(2), 655-659.
- Lusardi, A.; Mitchell, O. S. (2007). Baby boomer retirement security: The roles of planning, financial literacy, and housing wealth. *Journal of Monetary Economics*, 54(1), 205-224.
- Lusardi, A.; Mitchell, O. S. (2008). Planning and Financial Literacy: How Do Women Fare?. *American Economic Review*, 98(2), 413-17.
- Lusardi, A.; Mitchell, O. S.; Curto, V. (2010). Financial literacy among the young. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 358-380.
- Lusardi, A.; Tufano, P. (2009). *Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness*. *National Bureau of Economic Research*, w14808.
- Marques, M. M.; Neves, V.; Frade, C.; Lobo, F.; Pinto, P.; Cruz, C. (2000). *O endividamento dos consumidores*. Coimbra: Livraria Almedina.

Modigliani, F.; Brumberg, R. (1954). Utility analysis and the consumption function: An interpretation of cross-section data, in Modigliani, F. (1986), *The collected papers of Franco Modigliani*.

Norvilitis, J. M.; MacLean, M. G. (2010). The role of parents in college students' financial behaviors and attitudes. *Journal of Economic Psychology*, 31(1), 55-63.

Norvilitis, J. M.; Merwin, M. M.; Osberg, T. M.; Roehling, P. V.; Young, P.; Kamas, M. M. (2006). Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(6), 1395-1413.

Observatório do Endividamento dos Consumidores (2002). Endividamento e sobreendividamento das famílias: Conceitos e estatísticas para sua avaliação. *Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra*.

OCDE (2006). Policy Brief: The Importance of Financial Education.

O'Guinn, T. C.; Wells, W. D. (1989). Subjective Discretionary Income. *Marketing Research*, 1(1).

Pestana, M. H.; Gageiro, J. N. (2008), *Análise de Dados para Ciências Sociais: a Complementaridade do SPSS*, Lisboa: Edições Sílabo.

Podsakoff, P. M.; MacKenzie, S. B.; Lee, J. Y.; Podsakoff, N. P. (2003). Common method biases in behavioral research: a critical review of the literature and recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879.

Raju, P. S.; Lonial, S. C.; Mangold, W. G. (1995). Differential effects of subjective knowledge, objective knowledge, and usage experience on decision making: An exploratory investigation. *Journal of Consumer Psychology*, 4(2), 153-180.

Shim, S.; Barber, B. L.; Card, N. A.; Xiao, J. J.; Serido, J. (2010). Financial socialization of first-year college students: The roles of parents, work, and education. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(12), 1457-1470.

Shim, S.; Xiao, J. J.; Barber, B. L.; Lyons, A. C. (2009). Pathways to life success: A conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(6), 708-723.

Sociedade Portuguesa de Garantia Mútua. Disponível em [www.spgm.pt](http://www.spgm.pt), acessado a 29 de abril de 2016.

Tokunaga, H. (1993). The use and abuse of consumer credit: Application of psychological theory and research. *Journal of Economic Psychology*, 14(2), 285-316.

Watson, J. J. (2003). The relationship of materialism to spending tendencies, saving, and debt. *Journal of Economic Psychology*, 24(6), 723-739.

Webley, P.; Nyhus, E. K. (2001). Life-cycle and dispositional routes into problem debt. *British Journal of Psychology*, 92(3), 423-446.

Xiao, J. J.; Tang, C.; Serido, J.; Shim, S. (2011). Antecedents and consequences of risky credit behavior among college students: Application and extension of the theory of planned behavior. *Journal of Public Policy & Marketing*, 30(2), 239-245.

Xiao, J. J.; Ahn, S. Y.; Serido, J.; Shim, S. (2014). Earlier financial literacy and later financial behaviour of college students. *International Journal of Consumer Studies*, 38(6), 593-601.

Zhu, L. Y.; Meeks, C. B. (1994). Effects of low income families' ability and willingness to use consumer credit on subsequent outstanding credit balances. *Journal of Consumer Affairs*, 28(2), 403-422.

# 9. Anexos

# Anexo 1- Questionário

Caro(a) colega,

No âmbito de um trabalho de investigação sobre comportamentos financeiros dos estudantes do ensino superior, que está a ser realizado na Universidade de Coimbra, vimos solicitar a tua colaboração através do preenchimento deste questionário.

Ao responderes ao questionário, solicitamos que assinales com uma **cruz (x)** ou um **círculo (O)** a resposta que julgares mais apropriada em relação a cada uma das perguntas. Não existem respostas certas ou erradas. O que é relevante é a tua opinião sincera. A informação fornecida é estritamente confidencial e anónima.

Depois de preencheres o questionário, deverás colocá-lo dentro de uma das urnas que se encontram no local onde ele foi entregue (se possível durante as próximas duas semanas).

O sucesso deste estudo depende muito da tua colaboração, que desde já agradecemos.

As estudantes do Mestrado em Economia: Ana Luísa Oliveira e Sónia Cardoso  
Os orientadores: Conceição Pereira e Filipe Coelho

## I. Pensando em dinheiro, indica, por favor, o teu grau de concordância ou discordância com cada uma das seguintes afirmações:

		Discordo total- mente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo o total- mente
1	Mostro sinais de nervosismo quando não tenho dinheiro suficiente.	1	2	3	4	5
2	Fico visivelmente preocupado(a) quando se fala / trata de dinheiro.	1	2	3	4	5
3	A possibilidade de vir a ter uma situação financeira insegura preocupa-me.	1	2	3	4	5
4	Fico aborrecido(a) quando tenho que prescindir de um produto em promoção.	1	2	3	4	5
5	Gasto dinheiro para me sentir melhor comigo próprio(a).	1	2	3	4	5
6	É difícil para mim perder a oportunidade de comprar algo que está muito barato.	1	2	3	4	5
7	Com regularidade ponho algum dinheiro de parte para o futuro.	1	2	3	4	5
8	Organizo / planeio a minha situação financeira a pensar no dia de amanhã.	1	2	3	4	5
9	Sou muito prudente com o dinheiro.	1	2	3	4	5
10	Poupo agora a pensar no meu futuro.	1	2	3	4	5
11	Faço uma gestão rigorosa do meu dinheiro.	1	2	3	4	5
12	Sei sempre o dinheiro que tenho e como o estou a gastar.	1	2	3	4	5
13	Tenho dinheiro guardado para enfrentar problemas financeiros que possam surgir.	1	2	3	4	5
14	Quando compro algo eu queixo-me do preço que paguei.	1	2	3	4	5
15	Após comprar um produto eu questiono-me se poderia tê-lo comprado por um preço mais baixo noutro lado.	1	2	3	4	5
16	Hesito em gastar dinheiro mesmo em coisas que são necessárias.	1	2	3	4	5
17	Quando faço uma grande compra, costumo suspeitar que se aproveitaram de mim.	1	2	3	4	5
18	Protesto contra o custo das coisas que compro.	1	2	3	4	5
19	Perante uma eventual compra, tendo a dizer / pensar que é demasiado caro para as minhas posses, quer seja ou não o caso.	1	2	3	4	5
20	Incomoda-me descobrir que podia ter comprado algo por um preço mais barato noutro lado.	1	2	3	4	5
21	Compro coisas porque sei que impressionam os outros.	1	2	3	4	5
22	As pessoas que eu conheço dizem-me que eu dou demasiada importância à quantidade de dinheiro que uma pessoa tem como sinal de sucesso.	1	2	3	4	5
23	Comporto-me como se o dinheiro fosse o principal símbolo de sucesso.	1	2	3	4	5
24	Reconheço que tenho coisas caras para impressionar os outros.	1	2	3	4	5
25	Sei que devo julgar os outros pelas suas realizações, mas acabo por ser mais influenciado(a) pelo dinheiro e pelas coisas que possuem.	1	2	3	4	5
26	Uso o dinheiro para influenciar outras pessoas a fazerem coisas para mim.	1	2	3	4	5
27	Admito que por vezes me gabo do dinheiro que tenho.	1	2	3	4	5
28	Mostro mais respeito para com as pessoas que têm mais dinheiro do que eu.	1	2	3	4	5
29	Às vezes tento descobrir se outras pessoas têm / recebem mais dinheiro do que eu.	1	2	3	4	5

**II. Indica, por favor, o teu grau de concordância ou discordância com cada uma das seguintes afirmações:**

		Discordo total-mente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo total-mente
1	Não há qualquer desculpa para pedir dinheiro emprestado.	1	2	3	4	5
2	Deve-se primeiro poupar antes de comprar algo.	1	2	3	4	5
3	Os estudantes deviam ser desencorajados de usar cartão de crédito.	1	2	3	4	5
4	Assim que contraímos dívidas é muito difícil livrarmo-nos delas.	1	2	3	4	5
5	É preferível ficar em casa do que pedir dinheiro emprestado para sair à noite.	1	2	3	4	5
6	Dever dinheiro é basicamente errado.	1	2	3	4	5
7	Deviam-se facilitar os empréstimos a estudantes.	1	2	3	4	5
8	É correto pedir dinheiro emprestado para comprar produtos essenciais.	1	2	3	4	5
9	Contrair empréstimos faz parte do estilo de vida atual.	1	2	3	4	5
10	É correto contrair um empréstimo se soubermos que podemos pagá-lo.	1	2	3	4	5
11	É bom ter algo agora e poder pagar mais tarde.	1	2	3	4	5
12	É bom pedir dinheiro emprestado porque permite desfrutar da vida.	1	2	3	4	5
13	Eu tenho mais conhecimentos sobre assuntos financeiros do que os meus amigos.	1	2	3	4	5
14	Eu tenho bons conhecimentos sobre práticas e conceitos relacionados com finanças pessoais.	1	2	3	4	5
15	Em geral, eu tenho bons conhecimentos sobre gestão do dinheiro.	1	2	3	4	5

**III. Pensando em cartões de crédito indica o teu grau de concordância ou discordância com cada uma das seguintes afirmações:**

		Discordo total-mente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo total-mente
16	Ter cartão de crédito dá-me / dar-me-ia satisfação.	1	2	3	4	5
17	Gosto / gostaria de usar cartões de crédito.	1	2	3	4	5
18	Pensar em usar cartões de crédito é algo que me agrada.	1	2	3	4	5
19	Gosto / gostaria de ter cartões de crédito.	1	2	3	4	5
20	É insensato usar cartões de crédito.	1	2	3	4	5
21	O uso de cartões de crédito leva as pessoas a gastarem mais.	1	2	3	4	5
22	O uso excessivo de cartões de crédito conduz a dívidas elevadas.	1	2	3	4	5
23	O custo de usar cartões de crédito é demasiado elevado.	1	2	3	4	5
24	O cartão de crédito é menos conveniente do que outras formas de pagamento.	1	2	3	4	5
25	Usar cartão de crédito dificulta / dificultaria o controlo dos meus gastos.	1	2	3	4	5
26	Gostaria de pedir um cartão de crédito / mais cartões de crédito.	1	2	3	4	5
27	Mesmo não sendo fácil para estudantes universitários obter cartões de crédito, procuro sempre solicitar um / mais um.	1	2	3	4	5
28	Quero vir a ter mais cartões de crédito do que os que tenho agora.	1	2	3	4	5
29	Gostaria de experimentar todo o tipo de cartões de crédito.	1	2	3	4	5
30	Faço / planeio vir a fazer a maioria das minhas compras com cartão de crédito.	1	2	3	4	5
31	Sinto-me tentado(a) pelas ofertas promocionais de adesão a cartões de crédito.	1	2	3	4	5

**IV. Indica, por favor, o teu grau de concordância ou discordância com cada uma das seguintes afirmações:**

		Discordo total-mente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo total-mente
32	Os meus pais monitorizam as despesas mensais que fazem.	1	2	3	4	5
33	Os meus pais gastam dentro das suas posses.	1	2	3	4	5
34	Os meus pais poupam dinheiro todos os meses a pensar no futuro.	1	2	3	4	5
35	Os meus pais fazem investimentos financeiros com objetivos de longo prazo.	1	2	3	4	5
36	No passado, os meus pais foram falando comigo sobre a importância de poupar.	1	2	3	4	5
37	Durante a minha infância e adolescência, os meus pais foram conversando comigo sobre os assuntos financeiros da família.	1	2	3	4	5
38	À medida que fui crescendo, os meus pais deram-me conselhos sobre como gastar o meu dinheiro de forma sensata.	1	2	3	4	5
39	No passado, os meus pais falaram comigo sobre o recurso ao crédito.	1	2	3	4	5
40	Tenho vários amigos que possuem cartão de crédito.	1	2	3	4	5
41	Tenho amigos que recorrem ao crédito proporcionado pelo cartão de crédito.	1	2	3	4	5
42	Tenho amigos que não se preocupam com o preço das coisas quando pagam com cartão de crédito.	1	2	3	4	5
43	Tenho amigos que acham aceitável recorrer ao crédito através do cartão de crédito.	1	2	3	4	5
44	Tenho amigos que gastam mais por pagarem com cartão de crédito.	1	2	3	4	5
45	Globalmente estou satisfeito(a) com os serviços de saúde pública.	1	2	3	4	5
46	A experiência que tenho tido com os serviços públicos de saúde é boa.	1	2	3	4	5
47	Sou otimista em relação à minha situação financeira futura.	1	2	3	4	5
48	A minha situação financeira futura permitir-me-á satisfazer todos os meus desejos.	1	2	3	4	5
49	No futuro terei uma boa situação financeira.	1	2	3	4	5

**V. Imagina que já estás a trabalhar e és autónomo(a) financeiramente, mas não tens dinheiro para comprar os seguintes bens/serviços. Qual a probabilidade com que contrairias um empréstimo para os adquirir?**

		Muito baixa	Baixa	Média	Alta	Muito Alta
1	Habitação	1	2	3	4	5
2	Bens de primeira necessidade	1	2	3	4	5
3	Mobiliário	1	2	3	4	5
4	Automóvel / outra viatura	1	2	3	4	5
5	Saúde	1	2	3	4	5
6	Eletrodomésticos / aparelhos eletrónicos	1	2	3	4	5
7	Educação	1	2	3	4	5
8	Férias	1	2	3	4	5

**VI. Indica, por favor, a frequência com que vives cada uma das seguintes experiências no teu dia-a-dia:**

		Nunca	Raramente	Às vezes	Frequente-mente	Sempre
9	Estar a viver uma emoção e só ficar consciente dela mais tarde.	1	2	3	4	5
10	Parto ou deixo cair coisas por descuido ou por estar a pensar noutra coisa.	1	2	3	4	5
11	Tenho dificuldade em manter-me concentrado(a) no que está a acontecer no presente.	1	2	3	4	5
12	Tendo a andar apressado(a) para chegar a um determinado local, sem prestar atenção ao que vou sentindo / encontrando ao longo do caminho.	1	2	3	4	5
13	Tendo a não me aperceber de tensões e desconfortos físicos até que atinjam níveis impossíveis de ignorar.	1	2	3	4	5
14	Esqueço-me do nome de uma pessoa logo após ter sido mencionado pela primeira vez.	1	2	3	4	5
15	Pareço estar em “piloto automático”, sem muita consciência do que estou a fazer.	1	2	3	4	5
16	Vou fazendo várias tarefas sem estar realmente atento(a) a elas.	1	2	3	4	5
17	Fico tão focado(a) no objetivo que quero alcançar, que perco a noção do que estou a fazer no momento para alcançar esse mesmo objetivo.	1	2	3	4	5
18	Faço tarefas de forma automática, sem estar consciente do que estou a fazer.	1	2	3	4	5
19	Dou por mim a ouvir alguém “com um ouvido”, enquanto faço outra coisa ao mesmo tempo.	1	2	3	4	5
20	Vou a diversos lugares em “piloto automático” e depois pergunto-me porque lá fui.	1	2	3	4	5
21	Dou por mim preocupado(a) com o futuro ou o passado.	1	2	3	4	5
22	Dou por mim a fazer coisas sem prestar atenção.	1	2	3	4	5
23	Eu como sem ter consciência de que estou a comer.	1	2	3	4	5

**VII. Pensando na tua vida, indica, por favor, o teu grau de concordância ou discordância com as seguintes afirmações:**

		Discordo total-mente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo total-mente
24	Geralmente, estou focado(a) em evitar acontecimentos negativos na minha vida.	1	2	3	4	5
25	Fico ansioso(a) por poder ficar aquém das minhas responsabilidades e obrigações.	1	2	3	4	5
26	Penso frequentemente na pessoa que receio vir a tornar-me no futuro.	1	2	3	4	5
27	Preocupo-me frequentemente com o facto de não vir a atingir os meus objetivos.	1	2	3	4	5
28	Vejo-me como alguém que se esforça para se tornar a “pessoa que eu deveria ser”, de forma a cumprir com as minhas obrigações e responsabilidades.	1	2	3	4	5
29	Penso frequentemente em como evitar insucessos na minha vida.	1	2	3	4	5
30	Estou mais orientado(a) para evitar perdas do que para obter ganhos na minha vida.	1	2	3	4	5
31	O meu principal objetivo enquanto estou na universidade é evitar o insucesso.	1	2	3	4	5
32	Imagino-me frequentemente a viver situações negativas que receio poderem vir a acontecer-me.	1	2	3	4	5
33	Penso frequentemente em como poderei vir a atingir os meus desejos e aspirações.	1	2	3	4	5
34	Penso frequentemente sobre a pessoa que gostaria de vir a ser.	1	2	3	4	5
35	Normalmente estou focado(a) no sucesso que espero atingir no futuro.	1	2	3	4	5
36	Penso frequentemente em como poderei vir a ter sucesso.	1	2	3	4	5
37	O meu principal objetivo na universidade é potenciar as minhas ambições.	1	2	3	4	5
38	Eu vejo-me como alguém que se esforça por alcançar “o meu eu ideal” para atingir os meus objetivos e aspirações.	1	2	3	4	5
39	Em geral, eu estou concentrado(a) em atingir resultados positivos na minha vida.	1	2	3	4	5
40	Imagino-me frequentemente a viver coisas positivas que espero virem a acontecer-me.	1	2	3	4	5
41	Estou mais orientado(a) para alcançar o sucesso do que para evitar o insucesso.	1	2	3	4	5

**VIII. Indica, por favor, o teu grau de concordância ou discordância com cada uma das seguintes afirmações:**

		Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	O dinheiro que tenho / recebo não chega para satisfazer as minhas necessidades.	1	2	3	4	5
2	Mesmo quando o dinheiro que tenho/recebo aumenta nunca parece chegar para as minhas necessidades.	1	2	3	4	5
3	Tenho pouco dinheiro para gastar em coisas não essenciais.	1	2	3	4	5
4	O rendimento da minha família não chega para satisfazer as nossas necessidades.	1	2	3	4	5
5	Mesmo quando o rendimento da minha família aumenta nunca parece chegar para as nossas necessidades.	1	2	3	4	5
6	A minha família tem pouco dinheiro para gastar em coisas não essenciais.	1	2	3	4	5

**IX. Responde, por favor, aos seguintes problemas financeiros:**

(a) Supõe que tinhas 100€ numa conta de depósitos a prazo, em que a taxa de juro era de 2% ao ano. Se nunca efetuasses levantamentos, nem do dinheiro depositado nem dos juros acumulados, quanto dinheiro terias nesta conta após 5 anos?  
 (1) Menos de 110€     (2) Exatamente 110€     (3) Mais do que 110€     (4) Não sei

(b) Imagina que a taxa de juro na tua conta a prazo era de 1% ao ano e a inflação era de 2% ao ano. Quanto conseguirias comprar com o dinheiro dessa conta, ao fim de um ano?  
 (1) Mais do que atualmente     (2) Exatamente o mesmo que atualmente     (3) Menos do que atualmente     (4) Não sei

(c) Indica se a seguinte afirmação é verdadeira ou falsa: investir em ações de uma só empresa é mais seguro do que investir num fundo de investimento de ações.  
 (1) Verdadeira     (2) Falsa     (3) Não sei

**X. Indica a situação dos teus pais no que respeita a crédito:**

**XI. Relativamente à tua situação financeira, indica:**

<p>(a) Os teus pais têm cartão de crédito?  <input type="checkbox"/> (1) Sim    <input type="checkbox"/> (2) Não    <input type="checkbox"/> (3) Não sei</p> <p>(b) Se sim, eles pagam a totalidade da despesa do cartão de crédito em cada mês? <input type="checkbox"/> (1) Sim    <input type="checkbox"/> (2) Não    <input type="checkbox"/> (3) Não sei</p> <p>(c) Os teus pais têm ou tiveram algum empréstimo (incluindo compras a prestações e crédito com juros do cartão de crédito)?  <input type="checkbox"/> (1) Sim    <input type="checkbox"/> (2) Não    <input type="checkbox"/> (3) Não sei</p> <p>(d) Se sim, para financiar quais das seguintes despesas?  <input type="checkbox"/> (1) Habitação    <input type="checkbox"/> (2) Bens de primeira necessidade  <input type="checkbox"/> (3) Mobiliário    <input type="checkbox"/> (4) Automóvel / Outra viatura  <input type="checkbox"/> (5) Saúde    <input type="checkbox"/> (6) Eletrodomésticos/aparelhos eletrónicos  <input type="checkbox"/> (7) Educação    <input type="checkbox"/> (8) Férias  <input type="checkbox"/> (9) Outra. Qual? _____</p>	<p>(a) Tens cartão de crédito? <input type="checkbox"/> (1) Sim    <input type="checkbox"/> (2) Não</p> <p>(b) Se sim, com que frequência pagas juros por recorreres ao crédito do cartão?  <input type="checkbox"/> (1) Nunca  <input type="checkbox"/> (2) 1 a 2 vezes por ano  <input type="checkbox"/> (3) 3 a 4 vezes por ano  <input type="checkbox"/> (4) 5 ou mais vezes por ano</p> <p>(c) Tens algum empréstimo bancário? <input type="checkbox"/> (1) Sim    <input type="checkbox"/> (2) Não</p> <p>(d) Indica, aproximadamente, a percentagem com que cada uma das seguintes fontes de rendimento contribui para financiar as tuas despesas ao longo do ano:            (1) Pais e outros familiares _____%            (2) Bolsa de estudo _____%            (3) Trabalho remunerado _____%            (4) Empréstimo bancário _____%            (5) Outras. Quais? _____%            Total 100 %</p>
--	--

**XII. Por último, solicitamos-te alguma informação para efetuarmos uma caracterização do perfil dos entrevistados:**

<p>(a) <b>Sexo:</b> <input type="checkbox"/> (1) Feminino <input type="checkbox"/> (2) Masculino</p> <p>(b) <b>Idade:</b> _____ anos</p> <p>(c) <b>Estado civil:</b> <input type="checkbox"/> (1) Solteiro(a) <input type="checkbox"/> (2) Casado(a) <input type="checkbox"/> (3) Outro</p> <p>(d) <b>Nacionalidade:</b> <input type="checkbox"/> (1) Portuguesa <input type="checkbox"/> (2) Outra</p> <p>(e) <b>Número de pessoas do agregado familiar:</b> _____</p> <p>(f) <b>Nível de ensino que frequentas:</b> <input type="checkbox"/> (1) Licenciatura  <input type="checkbox"/> (2) Mestrado    <input type="checkbox"/> (3) Doutoramento    <input type="checkbox"/> (4) Outro</p> <p>(g) <b>Faculdade onde estudas:</b> _____</p> <p>(h) <b>Nome do curso:</b> _____</p> <p>(i) <b>Número de matrículas na Univ. Coimbra:</b> _____</p>	<p><b>Nível de escolaridade dos pais:</b></p> <p><b>Pai / Mãe</b>  <input type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/> (1) Ensino básico – 1º ciclo (4º ano)  <input type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/> (2) Ensino básico – 2º ciclo (6º ano)  <input type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/> (3) Ensino básico – 3º ciclo (9º ano)  <input type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/> (4) Ensino secundário (12º ano)  <input type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/> (5) Ensino pós-secundário (cursos de especialização tecnológica) / bacharelato  <input type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/> (6) Licenciatura  <input type="checkbox"/> / <input type="checkbox"/> (7) Mestrado ou Doutoramento</p>	<p><b>Rendimento mensal líquido do agregado familiar:</b></p> <p><input type="checkbox"/> (1) Menos de 500€  <input type="checkbox"/> (2) 500-999€  <input type="checkbox"/> (3) 1000-1499€  <input type="checkbox"/> (4) 1500-2499€  <input type="checkbox"/> (5) 2500-4999€  <input type="checkbox"/> (6) 5000€ ou mais</p>
---	---	---

Muito Obrigado pela Tua Colaboração

**Quadro A.1** – Caracterização da amostra

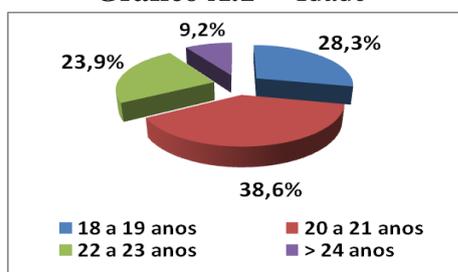
		Nº	%
<b>Sexo</b>	Feminino	422	61.8
	Masculino	261	38.2
<b>Idade</b>	18 a 19 anos	193	28.3
	20 a 21 anos	263	38.6
	22 a 23 anos	163	23.9
	> 24 anos	63	9.2
<b>Estado civil</b>	Solteiro	670	98.1
	Casado	2	0.3
	Outro	11	1.6
<b>Dimensão do agregado familiar</b>	1	12	1.8
	2	46	6.8
	3	221	32.6
	4	304	44.8
	5	76	11.2
	6 ou mais	19	2.8
<b>Rendimento do agregado familiar</b>	Menos de 500€	11	1.7
	500 - 999€	126	19.4
	1000 - 1499€	207	31.8
	1500 - 2499€	178	27.3
	2500 - 4999€	100	15.4
	5000€ ou mais	29	4.5
<b>Nível de escolaridade do pai</b>	Ensino básico (1º ciclo)	65	9.6
	Ensino básico (2º ciclo)	75	11.1
	Ensino básico (3º ciclo)	115	17.0
	Ensino secundário	171	25.3
	Ensino pós-secundário	43	6.4
	Licenciatura	128	19.0
	Mestrado e Doutoramento	78	11.6
<b>Nível de escolaridade da mãe</b>	Ensino básico (1º ciclo)	59	8.7
	Ensino básico (2º ciclo)	66	9.7
	Ensino básico (3º ciclo)	97	14.3
	Ensino secundário	152	22.4
	Ensino pós-secundário	42	6.2
	Licenciatura	194	28.6
	Mestrado e Doutoramento	69	10.2
<b>Nível de ensino</b>	Licenciatura	533	78.0
	Mestrado	141	20.6
	Doutoramento	9	1.3
<b>Faculdade</b>	FCDEFUC	18	2.6
	FCTUC	265	38.8
	FDUC	66	9.7

	FEUC	98	14.3
	FFUC	44	6.4
	FLUC	48	7.0
	FMUC	99	14.5
	FPCEUC	45	6.6
<b>Número de matrículas</b>	1	144	21.6
	2	141	21.1
	3	147	22.0
	4	122	18.3
	5 ou mais	114	17.1

**Nota:** Percentagem de valores omissos: Idade = 0,1%; Dimensão do agregado familiar = 0,7%; Rendimento do agregado familiar = 4,7%; Nível de escolaridade do pai = 1,2%; Nível de escolaridade da mãe = 0,6%; Número de matrículas na UC = 2,2%.

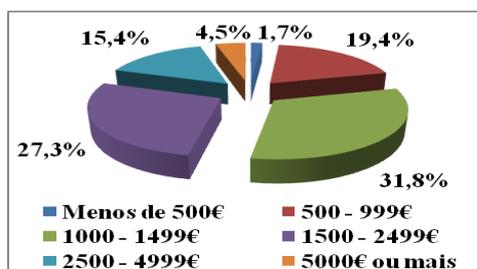
**Fonte:** Elaboração própria com recurso ao programa estatístico SPSS.

**Gráfico A.1 – Idade**



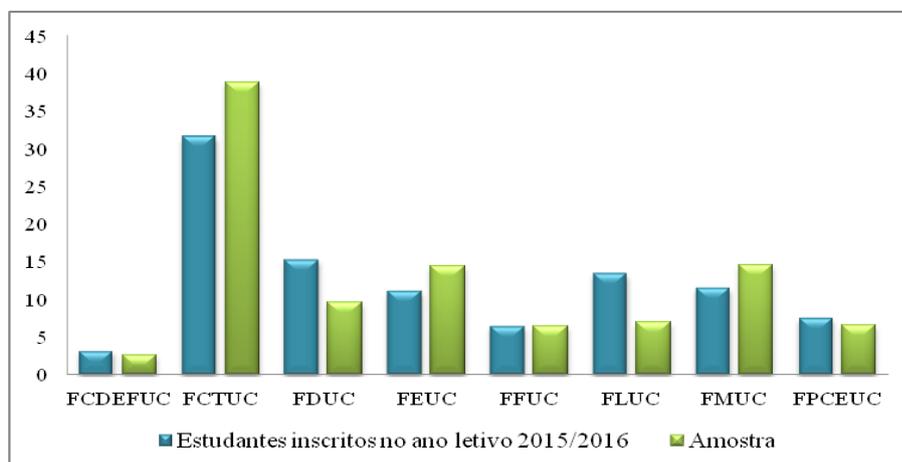
**Fonte:** Elaboração própria.

**Gráfico A.2 – Rendimento mensal líquido do agregado familiar**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Gráfico A.3 - Distribuição dos estudantes, por faculdades, na UC (%)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Quadro A.2** - Frequências da literacia financeira objetiva (respostas)

<b>Juros Compostos</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Menos de 110€	33	4.8
Exatamente 110€	262	38.4
<u>Mais do que 110€</u>	309	45.2
Não sei	79	11.6

<b>Efeito da inflação</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Mais do que atualmente	43	6.3
Exatamente o mesmo que atualmente	22	3.2
<u>Menos do que atualmente</u>	377	55.2
Não sei	241	35.3

<b>Diversidade do risco</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Verdadeira	50	7.3
<u>Falsa</u>	292	42.8
Não sei	341	49.9

**Nota:** As respostas corretas, relativamente a cada questão, são as que se encontram sublinhadas.

**Fonte:** Elaboração própria com recurso ao programa estatístico SPSS.

**Quadro A.3** - Frequências dos empréstimos detidos pelos pais

	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Habitação</b>	421	61.6
<b>Bens de primeira necessidade</b>	12	1.8
<b>Mobiliário</b>	21	3.1
<b>Automóvel / outra viatura</b>	172	25.2
<b>Saúde</b>	13	1.9
<b>Eletrodomésticos / aparelhos eletrónicos</b>	41	6.0
<b>Educação</b>	26	3.8
<b>Férias</b>	3	0.4

**Fonte:** Elaboração própria com recurso ao programa estatístico SPSS.

**Quadro A.4 – Composição final das variáveis**

<b>Variável</b>	<b>Itens</b>	<b>Factors Loadings</b>	<b>% Variância Extraída</b>	<b>Alfa de Cronbach</b>
<b>Atitudes para com o endividamento</b>	1- Não há qualquer desculpa para pedir dinheiro emprestado. (inv) / 12- É bom pedir dinheiro emprestado porque permite desfrutar da vida.	0.71	38.86	0.67
	2- Deve-se primeiro poupar antes de comprar algo. (inv) / 9- Contrair empréstimos faz parte do estilo de vida atual.	0.48		
	3- Os estudantes deviam ser desencorajados de usar cartão de crédito. (inv) / 6- Dever dinheiro é basicamente errado. (inv)	0.65		
	4- Assim que contraímos dívidas é muito difícil livrarmo-nos delas. (inv) / 11- É bom ter algo agora e poder pagar mais tarde.	0.66		
	5- É preferível ficar em casa do que pedir dinheiro emprestado para sair à noite. (inv) / 8- É correto pedir dinheiro emprestado para comprar produtos essenciais.	0.68		
	7- Deviam-se facilitar os empréstimos a estudantes. / 10- É correto contrair um empréstimo se soubermos que podemos pagá-lo.	0.54		
<b>Intenção de contrair empr. – bens/serviços mais supérfluos</b>	1- Habitação	0.53	33.97	0.69
	3- Mobiliário	0.76		
	4- Automóvel /outra viatura	0.75		
	6- Eletrodomésticos / aparelhos eletrônicos	0.68		
	8- Férias	0.61		
<b>Intenção de contrair empr. – bens/serviços essenciais</b>	2- Bens de primeira necessidade	0.85	23.18	0.80
	5- Saúde	0.87		
	7- Educação	0.79		
<b>Literacia financeira subjetiva</b>	1- Eu tenho mais conhecimentos sobre assuntos financeiros do que os meus amigos.	0.91	74.77	0.83
	2- Eu tenho bons conhecimentos sobre práticas e conceitos relacionados com finanças pessoais.	0.89		
	3- Em geral, eu tenho bons conhecimentos sobre gestão do dinheiro.	0.79		
<b>Socialização parental</b>	1- Os meus pais monitorizam as despesas mensais que fazem.	0.62	53.27	0.68
	2- Os meus pais gastam dentro das suas posses.	0.80		
	3- Os meus pais poupam dinheiro todos os meses a pensar no futuro.	0.83		
	4- Os meus pais fazem investimentos financeiros com objetivos de longo prazo.	0.64		

<b>Ensino parental</b>	1- No passado, os meus pais foram falando comigo sobre a importância de poupar.	0.83	70.30	0.78
	2- Durante a minha infância e adolescência, os meus pais foram conversando comigo sobre os assuntos financeiros da família.	0.80		
	3- À medida que fui crescendo, os meus pais deram-me conselhos sobre como gastar o meu dinheiro de forma sensata.	0.88		
	4- No passado, os meus pais falaram comigo sobre o recurso ao crédito. *			
<b>Otimismo financeiro</b>	1- Sou otimista em relação à minha situação financeira futura.	0.84	74.03	0.82
	2- A minha situação financeira futura permitir-me-á satisfazer todos os meus desejos.	0.85		
	3- No futuro terei uma boa situação financeira.	0.89		
<b>Rendimento subjetivo do estudante</b>	1- O dinheiro que tenho / recebo não chega para satisfazer as minhas necessidades.	0.86	67.32	0.75
	2- Mesmo quando o dinheiro que tenho / recebo aumenta nunca parece chegar para as minhas necessidades.	0.85		
	3- Tenho pouco dinheiro para gastar em coisas não essenciais.	0.75		
<b>Rendimento subjetivo da família</b>	1- O rendimento da minha família não chega para satisfazer as nossas necessidades.	0.91	76.21	0.83
	2- Mesmo quando o rendimento da minha família aumenta nunca parece chegar para as nossas necessidades.	0.89		
	3- A minha família tem pouco dinheiro para gastar em coisas não essenciais.	0.82		

**Nota:** inv - questões invertidas; \* - questão eliminada.

**Fonte:** Elaboração própria com recurso ao programa estatístico SPSS.

**Quadro A.5 - Estatísticas Descritivas**

	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
<b>Atitudes para com o endividamento</b>	2.84	0.43
<b>Intenção de contrair empréstimos _3</b>	3.63	0.98
<b>Intenção de contrair empréstimos _5</b>	2.30	0.63
<b>Intenção de contrair empréstimos _8</b>	2.80	0.58
<b>Literacia Financeira Subjetiva</b>	3.06	0.76
<b>Socialização Parental</b>	3.94	0.64
<b>Ensino Parental</b>	4.11	0.66
<b>Otimismo Financeiro</b>	3.33	0.67
<b>Rendimento Subjetivo do Estudante</b>	2.52	0.84
<b>Rendimento Subjetivo da Família</b>	2.33	0.88

**Fonte:** Elaboração própria com recurso ao programa estatístico SPSS.